

**ANAIS**  
**I ENCONTRO DE PSICOLOGIA DO**  
**DINHEIRO NA PRÁTICA CLÍNICA**

**Comissão Organizadora**

Coordenação: Adriana de Fatima Rodrigues

Membros: Evandro Holanda, Tatiana Rodrigues, Vanessa Rodrigues, Louana Campolino, Valéria Meirelles, Natalia Andrade, Carolina Peixoto, Mateus Rodrigues, Liane Medeiros, Karina Louzado, Júlia Dourado, Luara Fernandes, Regina Altoé, Égli Mlchéski, Paula Cerqueira, Márcia Fialho.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Encontro de Psicologia do Dinheiro na Prática  
Dinheiro (1. : 2024 : Brasília, DF)  
Anais I Encontro de Psicologia do Dinheiro na  
Prática Clínica [livro eletrônico] / coordenação  
Adriana de Fatima Rodrigues. -- 1. ed. --  
Brasília, DF : Instituto Psicologia e Dinheiro,  
2025.

PDF

Vários autores.  
Vários colaboradores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-987807-0-8

1. Dinheiro - Aspectos psicológicos  
2. Psicologia clínica 3. Subjetividade  
I. Rodrigues, Adriana de Fatima. II. Título.

25-281953

CDD-332.4019

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Dinheiro : Aspectos psicológicos : Economia  
332.4019

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos os anais do I Encontro de Psicologia do Dinheiro na Prática Clínica do Brasil, evento que representa um marco na consolidação da Psicologia do Dinheiro como campo legítimo de investigação e intervenção no contexto psicológico brasileiro.

Realizado nos dias 19 e 20 de julho de 2024, em Brasília, o Encontro reuniu profissionais de diferentes regiões do país para refletir, compartilhar experiências e construir conhecimento sobre a interface entre saúde mental e comportamento financeiro. A programação contou com palestras, relatos de experiência e trabalhos teóricos que abordaram temas como crenças financeiras, precificação, endividamento, fantasia social, sofrimento psíquico e clínica ampliada. Com forte caráter interdisciplinar e clínico, o evento buscou romper o tabu histórico do dinheiro na psicologia e oferecer ferramentas para sua abordagem sensível, ética e transformadora.

A Psicologia do Dinheiro tem se firmado como uma abordagem promissora na compreensão das inter-relações entre saúde mental e comportamentos financeiros. Parte do reconhecimento de que o dinheiro não opera apenas como um recurso material ou objeto de decisão racional, mas como um símbolo carregado de significados subjetivos, atravessado por experiências afetivas, vínculos familiares, construções culturais e memórias biográficas. Nesse sentido, constitui-se como um campo interdisciplinar que articula aspectos psíquicos e socioeconômicos, contribuindo para o entendimento das dinâmicas que moldam a vida financeira dos indivíduos e das coletividades.

A publicação destes anais visa fomentar a produção, o intercâmbio e a disseminação de conhecimentos sobre o tema, ampliando o repertório teórico e técnico dos profissionais da psicologia clínica. Os resumos aqui reunidos refletem a diversidade de perspectivas e experiências apresentadas durante o Encontro e oferecem uma amostra da vitalidade e complexidade do campo em formação.

Os textos foram submetidos pelos próprios autores e passaram por edição exclusivamente para fins de padronização formal.

Boa leitura,

Comissão Organizadora

## Sumário

Um olhar biopsicossocial para a terapia focada no dinheiro - <b>Adriana de Fátima Rodrigues.</b>	7
A influência psicopolítica sobre a atividade da fantasia e a lógica do dinheiro - <b>Murilo Henrique Silva</b>	11
Psicologia do Dinheiro no Brasil: visão acadêmica e prática - <b>Valéria M. Meirelles</b>	27
A relevância da inclusão do tema Dinheiro no Contexto psicoterapêutico - <b>Angélica Rodrigues Santos</b>	31
"Qual o valor da consulta?": Crenças, Critérios e Estratégias de Precificação e Cobrança de Psicoterapeutas - <b>Jéssica Florinda Amorim</b>	35
Saúde financeira e desafios para a formação em psicologia - <b>Ana Cláudia Almeida Machado</b>	39
Psicologia do Dinheiro: uma agenda de pesquisa e intervenção - <b>Karoline Maria da Silva Giló e Fabio Iglesias</b>	52
Por que é tão difícil falar sobre dinheiro na clínica? Uma leitura junguiana - <b>Karoline Maria da Silva Giló</b>	56
Compras impulsivas no transtorno disfórico pré-menstrual - <b>Luara Fernandes Monteiro</b>	61
Eu não sou o meu pai! - <b>Sarah Karina Marcondes dos Santos Lima</b>	68
Dinheiro e Valor Pessoal: Relato de Experiência no Atendimento de um Cliente com Demanda Relacionada ao Dinheiro - <b>Márcia Fialho Fiuza Lopes</b>	76
Aplicação do Método Mahout – Método para Mudança de Comportamento Financeiro Baseado na ACT - Terapia de Aceitação e Compromisso - <b>Maria Helena Manso</b>	79
Um olhar histórico-cultural sobre o dinheiro: relato de consultoria financeira para mulheres - <b>Aline Guilherme de Melo</b>	82
Relato de experiência: Projeto Saúde Financeira do Tribunal de Justiça de Rondônia - <b>Mariângela Aloise Onofre</b>	88





## UM OLHAR BIOPSIKOSSOCIAL PARA A TERAPIA FOCADA NO DINHEIRO

**Adriana de Fátima Rodrigues**

[psicologiaedinheiro@gmail.com](mailto:psicologiaedinheiro@gmail.com)

**Palavras-chave:** saúde mental, crenças, psicologia, comportamento financeiro, psicoterapia integrativa

### Introdução

A psicologia do dinheiro é uma área subexplorada dentro da prática clínica contemporânea. Com o crescente impacto das questões financeiras na saúde mental, torna-se imperativo que os psicólogos estejam preparados para abordar essas demandas de forma eficaz. A palestra "Um olhar biopsicossocial para a terapia focada no dinheiro" buscou iluminar essa necessidade, destacando a importância de uma especialização que integre as dimensões biológicas, psicológicas e sociais no atendimento clínico. Ao adotar uma abordagem integrativa, os profissionais da saúde mental podem não apenas aprofundar a compreensão dos comportamentos financeiros dos clientes, mas também oferecer intervenções mais completas, capazes de promover um bem-estar duradouro e holístico. Essa perspectiva amplia o alcance da psicoterapia tradicional, abrindo novos caminhos para lidar com as complexas interações entre dinheiro e saúde mental, suprimindo uma lacuna significativa na prática psicológica atual.

### Desenvolvimento e Discussão

A palestra "Um olhar biopsicossocial para a terapia focada no dinheiro" foi estruturada em três momentos principais. No primeiro, destacou-se a relevância da psicologia clínica em abordar queixas de dinheiro, ressaltando que o dinheiro é o único objeto que perpassa e influencia todas as áreas da vida do indivíduo. Além disso, as preocupações financeiras podem impactar negativamente a saúde mental, conforme dados apontados no Relatório do *Panorama da Saúde Mental*

(Instituto Cactus & AtlasIntel, 2023). Há ainda, uma relação bidirecional entre dificuldades financeiras e saúde mental, as questões econômicas podem tanto agravar quanto ser agravadas por transtornos psicológicos. E apesar de toda essa realidade, a psicologia do dinheiro é um dos tópicos mais negligenciados pela própria psicologia, como afirmam Furnham e Argyle (2000). É tempo dos psicólogos reconhecerem essa dimensão e começarem a ocupar esse espaço que é de extrema importância para a saúde mental.

No segundo momento, a palestra focou na importância de uma abordagem biopsicossocial para lidar com questões financeiras em contextos clínicos. Esta abordagem reconhece a interdependência entre fatores biológicos, psicológicos e sociais na formação e manutenção de comportamentos financeiros.

- **Fatores Biológicos:** A palestra explorou como os avanços em neurociência, neurogenética e epigenética têm revelado a influência significativa da biologia no comportamento humano. A edição especial da revista *Psychology Economic* intitulada "*Biological Foundations of Economic Decision Making*" sublinha o papel dos processos neuroquímicos, dos hormônios e das predisposições genéticas nas decisões econômicas. A Teoria Polivagal de Steven Porges (2012) foi mencionada como um exemplo de como a fisiologia pode influenciar respostas emocionais e comportamentais, incluindo aquelas relacionadas ao dinheiro.
- **Fatores Psicológicos:** Aspectos como crenças, valores, emoções, traços de personalidade, autoestima e identidade foram discutidos em relação à maneira como influenciam as atitudes e comportamentos financeiros. Estudos como o de Fenton-O'Creedy e Furnham (2023) mostraram que traços de personalidade, como a consciência, estão associados positivamente à poupança e ao investimento, enquanto outros traços, como neuroticismo e extroversão, têm uma associação negativa.
- **Fatores Sociais:** O impacto do contexto social, como a cultura, família e redes sociais, foi abordado como um elemento crucial na formação do comportamento financeiro. Foi ressaltado que em sociedades neoliberais, onde há um forte incentivo à competição e ao individualismo, as pessoas tendem a enfrentar maior risco de desenvolver sentimentos de vergonha e autocrítica, o que pode agravar suas dificuldades financeiras e de saúde

mental. As discussões se basearam em obras como as de Gilbert (2019), que criticam a visão de que a mente individual é a principal fonte de problemas, destacando a importância do contexto social na compreensão desses desafios.

A abordagem biopsicossocial proposta enfatiza que a consideração isolada de um desses fatores pode levar a uma leitura superficial do comportamento do cliente, resultando em intervenções terapêuticas menos eficazes. Portanto, a integração desses aspectos na anamnese e no processo terapêutico é essencial para uma prática clínica robusta e eficaz.

No terceiro momento, foi enfatizada a importância de uma abordagem integrativa na prática clínica, combinando intervenções de diversas teorias para melhorar a eficácia terapêutica. Desde a década de 1990, a integração tem sido um foco na psicoterapia, com o objetivo de combinar abordagens para maximizar o sucesso terapêutico (Norcross & Alexander, 2019). A integração permite uma intervenção mais abrangente, especialmente relevante em questões financeiras, onde múltiplas teorias e técnicas podem ser aplicadas para lidar com os aspectos emocionais envolvidos.

### **Considerações Finais**

A palestra enfatizou a necessidade de os psicólogos aplicarem a psicologia do dinheiro, utilizando uma abordagem biopsicossocial e integrativa para preencher uma lacuna significativa na prática clínica atual. A incorporação dessas perspectivas pode enriquecer a compreensão do comportamento financeiro dos clientes, levando a intervenções mais eficazes e a uma melhoria geral na saúde mental.

### **Referências Bibliográficas**

Fenton-O'Creevy, M., & Furnham, A. (2023). Personality and wealth. *Financial Planning Review*, 6(2), e1158. <https://doi.org/10.1002/cfp2.1158>

Furnham, A., & Argyle, M. (2000). *A psicologia do dinheiro*. Sinais de Fogo.

Gilbert, P. (2019). *Living like crazy*. Annwyn House.

Instituto Cactus & AtlasIntel. (2023). *Panorama da saúde mental: Ferramenta dinâmica de pesquisa e monitoramento contínuo da saúde mental dos brasileiros (2º semestre de 2023)*. <http://www.panoramasaudemental.org>

Norcross, J. C., & Alexander, E. F. (2019). A primer on psychotherapy integration. In J. C.

Norcross & M. R. Goldfried (Eds.), *Handbook of psychotherapy integration* (3rd ed., pp. 3–27). Oxford University Press.

Porges, S. W. (2012). *Teoria Polivagal: Fundamentos neurofisiológicos das emoções, apego, comunicação e auto-regulação*. Senses Aprendizagem e Comunicação.

## **Agradecimentos**

Agradeço profundamente ao Evandro e ao Mateus, meus sócios no Instituto Psicologia e Dinheiro, que acreditaram desde o início no meu projeto de disseminar a Psicologia do Dinheiro no Brasil e que, diariamente, dedicam-se com afinco a essa missão. Sou imensamente grata aos meus clientes, que me proporcionam o privilégio de conhecer suas histórias e a honra de acompanhá-los em momentos significativos de suas vidas. Também quero expressar minha gratidão a todos os psicólogos e psicólogas que confiaram em mim como sua professora, participando dos meus cursos. As trocas que tivemos, cada pergunta e cada comentário, foram fundamentais para meu crescimento e me impulsionaram a compreender cada vez mais esse novo campo da psicologia.

PALESTRA

## **A INFLUÊNCIA PSICOPOLÍTICA SOBRE A ATIVIDADE DA FANTASIA E A LÓGICA DO DINHEIRO**

**Murilo Henrique Silva**

[murilo-psico@hotmail.com](mailto:murilo-psico@hotmail.com)

**Palavras-chave:** psicanálise, fantasia, psicopolítica, dinheiro

### **Introdução**

Quando o analista se depara com a questão do dinheiro no ambiente clínico, logo percebe que o entrelaçamento que tece a complexidade referente à temática não diz respeito apenas às questões subjetivas do histórico de vida, da formação familiar e do caráter singular que se atribui às experiências vividas. A relação com o dinheiro, assim como qualquer outro tema de análise, envolve o mapeamento e a necessidade de interpretação da lógica psíquica que equaciona as operações referentes ao tema. Logo, a demanda se estabelece não somente no laço analítico, através dos pagamentos, atrasos, adiantamentos e suspensão de tratamentos, mas também expressa ali, na relação terapêutica, algo do vínculo, da forma estrutural como o sujeito estabelece relações. Esta operação relacional que se dá na análise revela em ato inúmeros elementos referentes ao desejo, ao sofrimento, ao que se espera do outro e ao modo como se reage diante do desejo do Outro.

Entretanto, para além das questões subjetivas já muito debatidas no âmbito clínico referentes ao histórico de vida, da transmissão psíquica familiar, do trauma, e dos arranjos e rearranjos singulares de cada um, a clínica nos demanda um a mais em nossa escuta. Quem muito bem nos adverte acerca deste a mais é Miriam Debieux Rosa (2004, 2018), psicanalista e professora titular da Universidade de São Paulo, que convoca direcionar a escuta analítica para a dimensão sociopolítica do sofrimento.

Escutar a dimensão sociopolítica envolve dirigir nossa atenção para elementos que, muitas vezes, não estão ditos através dos significantes expressos

nos discursos conscientes, mas que ali estão presentes deixando suas marcas na constituição do sujeito. É somente através desta escuta outra que, em um movimento subversivo, nos opomos à instrumentalização de nossa própria técnica, extrapolando os muros das teorias e modelos de compreensão individualistas, que almejam cegamente somente os processos adaptativos à cultura.

Rosa é fiel à teoria freudiana, chamando a atenção para uma das faces do que queria dizer o pai da psicanálise em seu ensaio *Psicologia das massas e análise do Eu*, quando profere que é impossível uma cisão entre psicologia individual e coletiva (Freud 1921/2011). Ora, se escutamos um sujeito, ouvimos alguém inserido socialmente e culturalmente e que, através da entrada no mundo da linguagem, estrutura-se como ela, conforme também nos lembra Elia (2007) sobre o ensino de Jacques Lacan.

Assim, a psicanálise extramuros, conforme nomeia Laplanche, ou psicanálise em extensão, como diz Lacan, deve reconhecer a importância da leitura da demanda de análise sobre o tema do dinheiro em uma interlocução com outras áreas do saber. Este ato se presentifica não somente como uma forma de estabelecimento de um diálogo interdisciplinar, mas também como resistência à manipulação política, à objetificação e à violência, que muitas vezes se propaga nas clínicas, quando não se ouve o que não está expresso em palavras, mas que se pronuncia como ato, seja através do desejo, do medo, da angústia, do sintoma ou da fantasia. É por meio destes apontamentos que justificamos contribuições como esta, objetivando não somente o avanço no campo científico, mas a divulgação destas reflexões em momentos como este aqui presente.

Tomar, portanto, o campo social como objeto de análise significa considerá-lo como constituído por discursos erigidos através de fantasias ideológicas, cuja meta é o mascaramento dos antagonismos sociais. Ou seja, significa partir do solo da fixação da construção social em identidades sócio simbólicas, que estabelecem pactos de silêncio grupais, trazendo os elementos dessas operações para o campo da palavra. Esta é uma das faces que constitui o ato analítico (Rosa, 2018).

Dentro deste contexto, destacamos que há uma influência sociopolítica que interfere na relação que os sujeitos estabelecem com o tema do dinheiro e

que opera dentro da própria realidade subjetiva e sua meta da busca da felicidade.

Mas podemos questionar: como se daria tal operação?

### **Fantasia, Psicopolítica e a Busca da Felicidade**

A princípio, precisamos realizar uma importante delimitação conceitual ao usarmos o significante fantasia. Para Freud, e para a própria psicanálise, este conceito é caríssimo e expressa uma virada teórica fundamental para a compreensão do sujeito do inconsciente.

O conceito de fantasia trouxe a sumária desambiguação entre a realidade mental/psíquica da realidade externa. Marco Antônio Coutinho Jorge (2010), Laplanche (2001) e Roudinesco e Plon (1998) destacam assim que ela é quem regula a relação com a realidade “objetiva”. A descoberta de Freud (1924/2011) sobre o hiato entre essas duas realidades, contanto, necessitou de um melhor refinamento teórico, e foi Lacan quem o executou através do conceito de Real. Revisando o ensino do psicanalista francês, Jorge (2010) destaca que foi através do Real que se passou a ter a compreensão de que há uma impossibilidade de representação e simbolização total através da linguagem e do campo da imagem para dar conta da experiência do mundo.

Assim, os neuróticos abandonam a realidade externa, dando-lhe as costas não somente porque ela é, em todo ou em partes, insuportável (Freud, 1911/2010), mas também porque a sua representação total pelo campo simbólico e imaginário é da ordem do impossível. O Real sempre sobra como um resto inominável, inapreensível (Jorge 2010). Este estatuto o torna, portanto, inerentemente vivido como traumático, por não ser passível de assimilação completa por parte do psiquismo. É a fantasia que, como realidade psíquica, tenta dar conta dele, dentro de suas limitações, criando uma leitura do mundo.

Roudinesco e Plon (1998), acrescentam que a fantasia tem um caráter defensivo e estruturante diante do não senso, realizando uma alienação radical aos significantes e discursos oferecidos pelos pares primordiais e pelo contexto social que ambivalentemente estrutura e aprisiona o sujeito. Através deste processo, podemos dizer que se dá uma relação de dependência com as

limitadas significações simbólico-imaginárias para recortar, emoldurar e enquadrar um modo basilar de ler o mundo e interpretá-lo.

A fantasia é como uma janela que emoldura o Real, permitindo que percebamos as coisas a partir de si, para que não fiquemos desamparados diante do não-senso. Logo, personifica-se como referência de valor de verdade, sendo literalmente o mundo particular de cada um. Freud metaforiza a escuta clínica sobre ela, destacando que lidar com a fantasia é como utilizar a moeda vigente no país que investigamos (Jorge, 2010).

Conclui-se que o seu valor e importância são proporcionais à ampla correlação que possui com várias questões psíquicas, como os sintomas (através do recalque e das restrições impostas pela cultura), o desejo (que elege objetos que possam nos satisfazer e proporcionar a felicidade, criando roteiros para alcançá-la), a pulsão (através da tentativa de lidar com o traumático), os movimentos defensivos (que visam lidar com as situações de desamparo), as satisfações substitutivas e compensações (pela via do pensamento) (Jorge, 2010).

Outra característica da fantasia é que ela é essencialmente de completude, ou seja, ela visa resgatar um certo estado mítico suposto pelo psiquismo onde algo era pleno e satisfatório e em determinado momento foi perdido. O inconsciente estruturado como uma linguagem, como proposto por Lacan, vem a ser um saber que tenta preencher a falha instintual, que em última instância significa que não há programação biológica que oriente o sujeito diante da falta, do encontro com o traumático e do saber evasivo ao campo simbólico (Jorge, 2010).

É a atividade da fantasia que se articula entre o inconsciente e a pulsão, almejando restaurar a completude supostamente perdida, elidindo a falta inerente ao sujeito falante, criando roteiros que orientarão os inúmeros e sucessivos movimentos subjetivos de encontrar algo que possa corresponder à busca da felicidade. Ou seja, é o anseio por algo que traga uma experiência de satisfação e, simultaneamente, a demanda pela suspensão do sofrimento, que orienta o roteiro fantasístico, tanto a nível individual, quanto a nível coletivo (Fisher 2020; Jorge, 2010; Žižek, 1992). Em última análise, o que o psiquismo busca encontrar através da atividade da fantasia é restaurar a completude mítica, solucionando a falta, encontrando um objeto que finalmente possa trazer a

felicidade.

Já aqui podemos realizar uma provocação indicando para onde nossa trilha teórica nos levará, pois a relação com o dinheiro se operará dentro dessa lógica a que almeja a atividade da fantasia. Contudo, nossas análises ainda precisam de alguns elementos importantes antes de realizarmos tal amarração teórica.

Uma notável problemática que se põe como entrave na busca do princípio do prazer é que a pulsão trabalha em uma relação do inconsciente com o corpo, recolhendo os efeitos de ser habitado também por um Real (Jorge, 2010). Este Real ao qual nos referimos diz respeito a uma impossibilidade de total satisfação da pulsão. Ou seja, apesar do psiquismo supor que exista um objeto perdido que traria a plenitude e completude, isso é da ordem do impossível. A pulsão, portanto, circula se deslocando infinitamente, em uma incessante busca de algo que não existe, que é *das Ding*, o objeto mítico (a Coisa freudiana). É, no entanto, a extração do objeto cujo estatuto fundamental é marcar a presença desse cavo, desse vazio, o que faz com que, paradoxalmente, a fantasia busque nomear, imaginar e roteirizar um possível encontro com o que preencheria a falta. Desta feita, procuramos a satisfação supostamente perdida, seja: nos jantares românticos, no trabalho, na promoção na empresa, no carro do ano, nas duas viagens anuais para o exterior, no rendimento mensal de casas acima dos cinco dígitos, no chalé à beira mar etc. Nas palavras de Marco Antônio Coutinho Jorge: “O desejo não possui objeto, mas a fantasia é o suporte do desejo na medida em que ela o fixa numa certa relação estável com determinado objeto” (p. 78).

Devemos agora realizar um apontamento sobre a teoria dos discursos de Lacan, apoiados em Soler (2011), sendo um rápido mergulho teórico, uma vez que esta temática não é nosso principal objeto de análise. Soler destaca a insistente forma de procurar elidir a falta e satisfazer a pulsão através dos bens, serviços e da acumulação de capital, pertencente à forma de laço social que o discurso do capitalista propaga. Eis aí uma importante questão muito presente na clínica, pois o sujeito do inconsciente insiste em expressar através de seus sintomas uma resistência, e ao mesmo tempo uma denúncia contra a falência desse método culturalmente estipulado em relação à busca da felicidade. Isso ocorre porque o discurso do capitalista como laço social instrumentaliza o gozo, enfraquecendo as relações de alteridade através do avanço do processo de individualização e de auto exploração (Chatelard et al., 2024).

É esse caráter ambivalente em relação ao tipo de laço presente no discurso do capitalista que demonstra que as fantasias subjetiva e coletiva são, ao mesmo tempo, salvadoras e patogênicas. Isso ocorre pois o sujeito se agarra com unhas e dentes a ela, mantendo uma relação de fixação tão intensa que a torna o reduto mais importante de sua vida. Ou seja, questionar a forma como se vê o mundo rompe uma frágil homeostase psíquica, podendo desencadear efeitos desestruturadores e desencadeadores de uma série de movimentos defensivos ou sintomáticos, mesmo que essa própria janela para o Real seja patogênica ou incômoda (Jorge, 2010).

Neste ponto, faz-se necessário nos determos com mais cuidado acerca daquilo que chamamos de fantasia social. Salientamos que quando fazemos menção a este conceito não nos referimos a um inconsciente coletivo que coordenaria a atividade psíquica social, como uma entidade metafísica, mas sim a uma forma estrutural compartilhada a partir da linguagem (do discurso e da cultura) que fundamenta as formas como os sujeitos inseridos em determinados contextos tomam como base modelos para se constituírem e compartilharem uma realidade simbólico-imaginária; em suma, algo que possa lhes conferir um estatuto de verdade sobre a vida. Foi Slavoj Žižek (1992) quem pioneiramente trouxe esta noção de fantasia coletiva ou social para compreender a face política do sofrimento humano. Para ele, considerado um dos filósofos da psicanálise lacaniana mais relevantes de nossa época, a fantasia funciona socialmente como uma trama imaginária que busca preencher o vazio da abertura deixada pelo desejo do Outro.

A fantasia social se estabelece como uma busca de significação absoluta, construindo e significando a forma compartilhada socialmente de perceber o mundo. Anseia, assim, a completude no campo simbólico como aposta em relação ao desamparo dos indivíduos no laço social. Logo, ela formaliza os roteiros mascarando a impossibilidade fundamental entre os mesmos e a cultura, situação denunciada por Freud em seu mal-estar na civilização (Freud, 1930/2010).

Dizer que há uma impossibilidade fundamental para o sujeito civilizado significa partir do pressuposto de que há no campo coletivo também um Real, do qual a fantasia tenta se defender. Este Real sinaliza que a vida em sociedade é a maior fonte de sofrimento humano, dado a propagação das violências imposta pelo outro, a restrição das satisfações agressivas e sexuais resultantes do processo

de aculturação e o redirecionamento da agressividade contra o próprio Eu, devido ao sentimento de culpa (Freud, 1930/2010). Contudo, o ser humano é um ser social e, paradoxalmente, precisa do outro para o estabelecimento de laços eróticos que trazem experiências de satisfação, felicidade, sendo ademais um recurso contra o desamparo diante das forças da natureza e do padecimento do corpo (Freud, 1930/2010).

Assim, é a partir da clivagem constitutiva do sujeito civilizado que a fantasia roteiriza satisfações que resolveriam o impasse humano. A sua principal formalização no corpo social, no entanto, torna-se expoente através do advento da ideologia. O discurso ideológico constrói simbolicamente uma visão de sociedade que seria possível de ser alcançada, superando o mal-estar civilizatório ao eleger objetos que seriam responsáveis por sua origem. Ele então encadeia significantes, criando uma narrativa que promete (caso seja concretizada) levar o tecido social a um estatuto orgânico e complementar (Zizek, 1992).

Entretanto, a problemática dessa operação é que a ideologia mascara relações de poder, as quais discutiremos em breve. Em suma, podemos afirmar que o nível fundamental da ideologia é o de uma ilusão que encobre o real estado das coisas, disfarçando os caminhos construtivos das relações de exploração e de estabelecimento de poder (Fisher, 2020; Rosa, 2018; Zizek, 1992).

É baseado nessa ressalva que Rosa (2004, 2018) nos adverte que os discursos que circulam num dado tempo indicam os modos de pertencimento dos atores sociais, atribuindo a cada um lugares, valores e posições no laço social. Não obstante, a invisibilidade dos conflitos gerados pelos discursos ideológicos faz com que recaia sobre os sujeitos a responsabilidade de seus impasses, patologizando, criminalizando as saídas, ou podendo também inflar o narcisismo, fazendo com que pareça normal a divisão injusta dos bens, naturalizando a submissão à posições servis.

A psicanalista e professora retoma assim a noção de fantasia como categoria central do político, elucidando como ela regula a troca social: expandindo-se com a promessa da possibilidade de gozo, estendendo seu manto sobre a realidade compartilhada, atendendo a um tipo de historiografia que obtura os antagonismos reais, almejando desmentir a negatividade do sujeito, abarcando simultaneamente promessas do capitalismo. Esta alienação traz como

consequência a fragilização na aposta do sujeito no próprio desejo, na própria verdade, em prol da verdade ideológica (Rosa, 2018).

Em nossa práxis como profissionais da saúde, é necessária uma escuta e uma incisão discursiva que promova uma separação no enredamento alienante das artimanhas discursivas fantasísticas do poder. Ecoamos então as palavras de Rosa: “Assim, antes de pensar em diagnóstico ou estruturas, é preciso escutar o sujeito, esse sujeito que ocupa o lugar de resto na estrutura social, e que está sob condição traumática” (Rosa, 2018, p. 44).

É somente mediante esta localização da dimensão sociopolítica do sofrimento que podemos salientar que os efeitos do mesmo são também administrados politicamente, incidindo sobre o narcisismo, bem como nos afetos de ódio, ignorância e a culpa. É aqui também que devemos avançar atravessando a fronteira do campo psicanalítico para o da filosofia política, guiados por Byung Chul Han, para encontrarmos novos recursos que venham somar às nossas análises.

### **Psicopoder e Fantasia**

Para Han (2014, 2018, 2022), o poder tem diferentes formas de se manifestar; algumas são mais diretas e imediatas, como a negação da liberdade, a disciplina, a vigilância, a obediência, e outras mais sutis, que não assumem nenhum modo de coerção ou violência, sequer se colocam em evidência. E é exatamente sem apontar diretamente para si que o poder encontra sua expressão mais significativa. Seu *modus operandi* hoje põe de lado sua negatividade, agindo sem se vergar à vontade de outrem ou privar a liberdade. Antes, apropria-se da própria liberdade passando-se por ela, explorando-a. Esta mudança marca a passagem da sociedade disciplinar e do biopoder proposto por Foucault para a sociedade do desempenho e o psicopoder de Han.

A sociedade disciplinar era constituída por ambientes e instalações de confinamento como a família, a escola, a prisão, os quartéis, os hospitais e as fábricas, que representavam espaços de disciplina e reclusão, onde os sujeitos passavam de um confinamento a outro. A biopolítica administrava as questões de natalidade, mortalidade, qualidade de saúde e estimativa de vidas através de mecanismos de controle, vigilância e da docilização dos corpos, com fins de

umentar a produtividade. Em sua dinâmica, não havia o estímulo à liberdade, mas à obediência, e a vigilância almejava a docilização e a eficiência produtiva (Han, 2014, 2018, 2022)

Contudo, com a ascensão do neoliberalismo, as técnicas de poder se alteraram significativamente, transicionando o desejo de controle do corpo para o psiquismo. Isto é decorrente da percepção de que fiscalizar, vigiar e punir não oferecem as melhores formas de controlar ou conhecer os sujeitos. Logo, passou-se a haver um estímulo à liberdade de expressão, à transparência e ao desempenho. Tais mudanças cruciais fizeram com que houvesse um giro de perspectiva que dificultou a identificação dos trabalhadores como controlados e subjugados, que passaram a se conceber como empreendedores e autônomos (Han, 2014).

Este advento trouxe um processo de afrouxamento dos vínculos empregatícios possibilitados pelo surgimento das mídias digitais e aplicativos e pelo imperativo de investimentos do capitalismo financeiro. Assim, a desgastada relação de luta de classes tal como era concebida antigamente passou a não mais se sustentar, pois o antagonismo entre proletariado e burguesia foi substituído pelo conflito interno do sujeito como projeto, que vigia seus próprios resultados produtivos (Han, 2014, 2018). Dessa forma, hoje o capitalismo nos transformou em trabalhadores que exploram a si mesmos como se fossem suas próprias empresas, tornando-nos ao mesmo tempo senhores e servos de si.

Na produção imaterial deste capitalismo financeiro, cada um possui seu próprio meio de produção e se engendra na fantasia social se atrelando à ilusão de que é não mais sujeito, mas um projeto que se esboça livremente, possuindo uma possibilidade infinita de produtividade que levaria à satisfação e à felicidade. No entanto, o que de fato ocorre é que o ideal de liberdade se verteu em auto exploração ilimitada (Han, 2014). Isto vai de encontro direto com as queixas recebidas no âmbito clínico com relação à atividade laboral, pois quem fracassa na sociedade do desempenho, em vez de questionar o sistema, o laço laboral e a fantasia ideológica, considera a si mesmo como responsável por sua própria desgraça, tomando-se responsável, fracassado e digno de vergonha. Foi, portanto, através deste giro de perspectiva que o psicopoder permitiu que emergisse uma estabilidade no sistema, que impossibilitasse resistências ao mesmo (Han, 2014). Acerca deste cenário, Freud (1930/2010) nos diria que houve uma mudança

dinâmica configurada à moda deste laço social que fez com que a agressividade destinada para fora, para o outro que explora e domina, fosse canalizada contra o próprio eu, sistematizando um sistema masoquista.

Este, portanto foi o grande triunfo ideológico que desaguou na forma contemporânea de sofrimento da sociedade do desempenho neoliberal, pois, alienado à ideologia que formaliza a fantasia social capitalista, o sofrimento passou a ser gerenciado para o âmbito individual, para a esfera privada (Fisher, 2020; Han, 2014, 2018). O eu, alienado à ideologia da liberdade e desprendido de coerções externas e obrigações impostas por outros, submete-se a coações internas de otimização, padecendo de quadros ansiógenos, depressivos e de *burnout*, demonstrando que o ideal de liberdade promove coerções e mascara o real do mal-estar (Han, 2014, 2018, 2022).

A fim de sustentar a sua janela para o real, as malhas do poder psicopolíticas refinam suas técnicas de exploração da produtividade, com *workshops* de gestão pessoal, fins de semana motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal, treinamentos de inteligência emocional e aumento da eficiência. Dessa forma, os bloqueios, debilidades e erros devem fantasiosamente ser removidos de forma terapêutica, em prol do aprimoramento, da eficácia produtiva e da adaptação (Han, 2014).

A literatura de autoajuda expressa em seu ápice esse ideal ilusório através das inúmeras propostas de cura, que são, na verdade, tentativas de otimização de si, procurando solucionar bloqueios mentais e “fraquezas”. A ideologia neoliberal, portanto, perpassa características religiosas, onde técnicas de introspecção, aliadas com expurgação de pensamentos negativos, conduzem a uma eterna luta contra si mesmo, revelando técnicas de dominação (Han, 2014; 2018)

Podemos agora entrelaçar os conteúdos trabalhados, constatando que a métrica que determina se o sujeito do desempenho fracassou ou teve sucesso como projeto é o próprio dinheiro. É aqui, portanto, que devemos localizá-lo como significativo, que carrega no campo simbólico da fantasia social uma significação que confere status de objetividade a uma determinada forma de dizer de si. Esta significação, no entanto, favorece operações psíquicas que podem tanto estar relacionadas ao *pathos* quanto às satisfações narcísicas, que estão no cotidiano da clínica.

Mesmo diante do sujeito dito “autorrealizado” nesse sistema produtivo, a acumulação de capital não torna a satisfação plena, e a promessa de felicidade vacila. É aí que o laço social do discurso do capitalista opera novamente, fantasiando que a satisfação estará no próximo produto ou experiência ainda não consumidos (Chatelard et al., 2024; Soler, 2011).

Mas não é qualquer produto que se torna consumível para o sujeito do desempenho. E aqui o psicopoder refinou primorosamente sua forma de influência, pois diante do advento da transparência, que é um dos imperativos do ideal de liberdade, as pessoas se expõem livremente nas redes sociais, gerando dados sobre si mesmos que serão instrumentalizados (Han, 2014). Estes dados que são postados, tuitados, curtidos e compartilhados são coletados, registrados e vendidos para outras empresas. Este é o advento dataísta, uma forma de vigilância que, com perfis psicométricos produzidos com o cruzamento de informações, sabe mais sobre as pessoas do que elas mesmas. Sem perceber, cada um passou a fornecer os meios para ser influenciado pela própria malha de poder (Han, 2014; 2022).

O ideal de vida *smart* se travestiu de comodidade com as assistentes de voz, *smartTV's*, *smartphones* etc., tornando os próprios objetos emissores de informações, que facilitam a influência e a alienação ao roteiro fantasístico capitalista (Han, 2014; 2022)

Nas palavras de Han:

Os *big data* talvez tornem legíveis aqueles nossos desejos dos quais nós mesmos não estamos propriamente conscientes. De fato, em determinadas situações, desenvolvemos inclinações que escapam à nossa consciência. Muitas vezes, nem sequer sabemos por que de repente sentimos certa necessidade. O fato de uma mulher em determinada semana de gravidez desejar determinado produto, implica uma correlação da qual ela mesma não está consciente. Ela simplesmente compra aquele determinado produto, mas não sabe por quê. *É assim mesmo*. Esse *‘é assim mesmo’* talvez tenha uma proximidade psíquica do id freudiano, que escapa ao ego consciente. (...) Se os *big data* oferecessem acesso ao inconsciente de nossas ações e inclinações, então seria possível imaginar uma psicopolítica que interviria profundamente em nossa psique para

explorá-la. (Han, 2014, p. 88)

Aqui, devemos realizar algumas necessárias pontuações. Pois, por mais férteis que sejam as análises de Han para o cenário atual, o diálogo com a psicanálise nos propõe perspectivas diferentes das interlocuções propostas pelo autor.

Avançamos dizendo que, por mais que não se trate, na nova gestão do poder, de controle de comportamentos, mas de uma influência a nível inconsciente e que a mineração de dados consiga acesso à informações que talvez passem despercebidos pelo próprio usuário das mídias digitais, o psicopoder não possui o controle do inconsciente das massas, conforme explana Silva (2023).

Retornamos assim em Freud (1900/2019; 1905/2017; 1915/2010; 1923/2011) para lembrarmos que o inconsciente não é gerenciável ou controlável, mas se constitui como a terceira ferida narcísica da humanidade, dando um status de estrangeiridade ao sujeito que habita a própria morada. Ou seja, a multiplicidade de sugestões, propagandas, notícias, e demais exposições a que os sujeitos atualmente ficam expostos de forma personalizada para seus perfis psicométricos incidem sobre a atividade da fantasia (Silva, 2023).

O psicopoder, portanto, que entende a lógica inconsciente e a falta inerente ao sujeito falante, apenas sussurra produtos e serviços que dariam a satisfação à pulsão. Satisfação que em última análise só seria fantasiticamente adquirida pelo meio do capital, que permite acesso a bens de consumo e experiências, conferindo ao dinheiro um caráter ambivalentemente sagrado e fetichizado, como diriam Silva (2023) e Zizek (1992).

O fracasso da busca pela felicidade proposto por este método consiste em sua pobreza de se findar exclusivamente no ensimesmamento do consumo, na circulação de capital, na acumulação de bens e na satisfação narcísica de correspondência ao ideal de sucesso, proposto ao sujeito do desempenho. Assim, o exibicionismo nas redes sociais somente mascara a dura realidade do empobrecimento subjetivo e da alienação à posição de consumidor, exigindo, por detrás das cortinas, um intenso trabalho elaborativo com relação à travessia desta fantasia social, que desagua como queixa ou sintoma nas clínicas de psicologia e nas sessões de análise.

## **Considerações Finais**

Com esta conclusão, não pretendemos negar ou estigmatizar a relação com dinheiro, tampouco nos posicionamos de modo pouco pragmático ou maniqueísta diante de algo que está, literalmente, no cotidiano da vida de bilhões de pessoas que habitam este planeta. Lembremos que o dinheiro é o mecanismo de troca inserido simbolicamente no cenário globalizado, para mediar as relações intersubjetivas. Negar sua importância nas relações humanas seria uma posição de negação diante do real, e não é o que almejamos.

Nossa contrapartida se fundamenta na sumária necessidade de um processo de desambiguação que direcione o tratamento clínico em resposta à relação de alienação à fantasia social, que correlaciona a acumulação de capital à simplificação de uma “boa relação com o dinheiro”, que responderia resolutivamente ao problema econômico da felicidade. Esta fantasia, administrada pelas malhas do psicopoder, tenta atrelar o problema da falta à falta de bens e serviços, sendo este o seu engodo. A problemática da felicidade e da incompletude exigem lidar com a própria falta e a incompletude constituintes do psiquismo, encontrando o próprio caminho diante delas.

Também destacamos as incongruências na quais o sujeito do desempenho está inserido e que coadunam com o sentimento de fracasso e culpa diante do processo exclusório estrutural na dinâmica capitalista. Ser um sujeito realizado na sociedade do desempenho está muito além de depender do próprio esforço, uma vez que os processos sociais se engendram na problemática subjetiva do sucesso financeiro. Assim, colocar somente na “conta do sujeito” a responsabilidade por seu fracasso é um processo perverso que visa desresponsabilizar a própria desigualdade social inerente à estrutura econômica neoliberal (Fisher, 2020).

Lembremos que o próprio capitalismo simbolicamente atrela valor à bens e serviços, e que, portanto, influencia o sofrimento e o problema da autorrealização ou não. Esta constatação pode ser exemplificada com o sofrimento decorrente da imensa desigualdade de retorno simbólico (dinheiro) em distintas funções profissionais como as do artista, pedreiros e operadores de máquinas diante do capital gerado por médicos ou herdeiros empreendedores.

Finalizamos então esta reflexão ecoando o ensinamento de Zizek (1992),

que nos diz que a forma de travessia da fantasia coletiva se dá a partir de sua elucidação, que pode permitir com que o sujeito se repositone de uma outra forma diante do real de sua experiência.

Lembremo-nos que a cura proposta pela psicanálise não é um processo adaptativo, mas um revisitar o desejo e seu direcionamento para uma liberdade diferente da proposta pelo psicopoder. Esta liberdade, se metaforicamente comparada a um produto, seria semelhante ao produto artesanal. Ou seja, ela toma por matéria-prima aquilo que dispõe de recurso herdado pelo contexto em que se vive e que leva à produção de uma peça única, e não apenas de réplicas fabricadas em massa.

Se fecharmos os olhos para estas questões em nossa práxis clínica, estaremos apenas nos engendrando dentro da própria lógica do poder e da violência.

### **Referências Bibliográficas**

Chatelard, D. S., Silva, M. H., & Ribeiro, G. F. (2024). O papel das TIC's na precarização do trabalho: Reflexões a respeito do discurso capitalista sob a luz do pensamento de Jacques Lacan. In C. Antloga, M. C. Maesso, M. Neubern, K. T. Brasil (Orgs.), *Coleção Psicologia Clínica e Cultura – UnB: Vol. 7. Estratégias da psicologia clínica no tratamento dos sintomas sociais: Rumo aos objetivos de desenvolvimento sustentável da agenda 2030 da ONU* (pp. 79-94). Editora CRV.

Elia, L. (2007). *O conceito de sujeito* (3a ed). Jorge Zahar.

Fisher, M. (2020). *Realismo capitalista: É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* (R. Gonçalves, J. Adeodato & M. da Silveira, Trans.). Autonomia Literária.

Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquicos. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas* (Vol. 10, pp. 81-91). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)

Freud, S. (2010). O inconsciente. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas* (Vol. 12, pp. 74-112). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund*

*Freud: Obras completas* (Vol. 18, pp. 9-89). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (2011). Neurose e psicose. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas* (Vol. 16, pp. 9-64). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (2011). O eu e o id. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas* (Vol. 16, pp. 9-64). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund*

*Freud: Obras completas* (Vol. 15, pp. 9-100). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (2017). O chiste e sua relação com o inconsciente. In F. C. Mattos & P. C. de Souza (Trads.), *Sigmund Freud: Obras completas* (Vol. 7, pp. 13-334). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (2019). A interpretação dos sonhos. In P. C. de Souza (Trad.), *Sigmund Freud: Obras completas* (Vol. 4, pp. 13-682). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)

Han, B.-C. (2014). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Âyiné.

Han, B.-C. (2018). *No enxame: Perspectivas do digital* (L. Machado, Trad.). Vozes.

Han, B.-C. (2022). *Infocracia: Digitalização e a crise da democracia* (G. S. Philipson, Trad.). Vozes.

Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan* (vol. 2). Jorge Zahar.

Laplanche, J. (2001). *Vocabulário de psicanálise: Laplanche e Pontalis* (P. Tamen, Trad.; 4ª ed.). Martins Fontes.

Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: Metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), pp. 329-348.

Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do*

*sofrimento* (2a ed.). Escuta/Fapesp.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trads.). Jorge Zahar.

Silva, M. H. (2023). *Quando a política se encontra com a fantasia: Uma leitura psicanalítica sobre as fake news e o poder na contemporaneidade* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Brasília – UnB.

Soler, C. (2011). O Discurso capitalista. *Revista De Psicanálise Stylus*, (22), 55-67. <https://doi.org/10.31683/stylus.vi22.816>

Zizek, S. (1992). *Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia*. Jorge Zahar.

### **Agradecimentos**

Agradeço aos organizadores do evento pela oportunidade de partilhar estas reflexões para outros profissionais do ramo da psicologia e ao professor Juliano Moreira, pela confiança e indicação de minha presença para o evento.

Gratulo também à FAP-DF e à CAPES pelo fomento à pesquisa de mestrado que possibilitaram a interlocução com o tema deste debate.

PALESTRA

## PSICOLOGIA DO DINHEIRO NO BRASIL: VISÃO ACADÊMICA E PRÁTICA

Valéria M. Meirelles

[valeriamereilles@terra.com.br](mailto:valeriamereilles@terra.com.br)

**Palavras-chave:** psicologia do dinheiro, desenvolvimento do campo

### Introdução

Nas últimas décadas, nunca se falou tanto sobre dinheiro. Impulsionado pelas mídias e tecnologias de última geração, o acesso e uso adquiriram dimensões inimagináveis, a ponto de uma transação financeira poder ser realizada através de um *smartphone*.

Estas facilidades no seu uso, associadas ao consumo excessivo, ofertas fáceis de crédito, aumento do endividamento da população e pouco conhecimento sobre Educação Financeira tiveram graves consequências na vida das pessoas. Tanto que as Ciências, especialmente as Humanas, passaram a olhar para o dinheiro de forma mais interessada, enquanto os estudos sobre o tema avançam no mundo e, gradualmente, também no Brasil. Neste caminho, a Psicologia também começou a dar seus passos nas pesquisas.

### Desenvolvimento e Discussão

O dinheiro está inserido em várias abordagens clínicas como tema que faz parte da vida do indivíduo sendo, dessa forma, entendido como mais um componente a ser cuidado nos processos psicoterapêuticos. Porém, a partir da Psicologia do Dinheiro, nascida em 1998, na Inglaterra, ele passa a assumir centralidade e protagonismo, oferecendo uma “porta de entrada” para a compreensão da pessoa, seus contextos e relações, tanto do presente quanto do passado. Também é estudado nas relações de trabalho, seja nas organizações, seja na clínica autônoma dos profissionais de saúde, incluindo a psicologia.

Nesse sentido, nada mais natural que se tornar tema de pesquisas acadêmicas, inicialmente pelas lentes da Psicologia Econômica e, posteriormente,

pela Psicologia do Dinheiro, aqui no Brasil, pela tese de doutorado desta autora, em 2012, na PUC-SP.

No entanto, no Brasil, o primeiro estudo surgiu através da tese de doutorado de Alice Moreira (2000), na Universidade de Brasília. Nas décadas seguintes, passaram a surgir novas pesquisas, como a de Meirelles (2012), que oficialmente trouxe a Psicologia do Dinheiro ao país, através de pesquisa nacional. Outros exemplos são as de Guimarães (2007, 2012), Manfredini (2007, 2019) e Schünke (2020, 2024), com mestrados e doutorados envolvendo dinheiro, casais e família.

A partir de então, em várias áreas, seja na clínica, seja na psicologia social, o interesse pelo tema é crescente. Um ótimo exemplo são as pesquisas orientadas na Universidade de Brasília pelo professor doutor Fabio Iglesias no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, que podem ser acessados através do site Influência (<http://www.influencia.unb.br/publicacoes/>). Em outras universidades, as pesquisas sobre o dinheiro vem sendo realizadas, inclusive quando envolvem relações de casais.

Em paralelo, esta teoria transpôs os muros da universidade e vem se desenvolvendo no Brasil uma prática clínica e acadêmica multidisciplinar consistente e que tem crescido nos últimos anos. Tal crescimento teve seu início em 1999 com a psicóloga Angélica Rodrigues, em Brasília, através de uma oficina aberta ao público e, em 2003, Adriana Rodrigues criou o Programa de Educação Financeira da Câmara dos Deputados. Três anos depois, em 2006, Valéria Meirelles passou a incluir o tema dinheiro como eixo em seus atendimentos.

Nos últimos cinco anos, o interesse pela teoria da psicologia do dinheiro cresceu significativamente, culminando no I Encontro Psicologia do Dinheiro na Prática Clínica, realizado em julho de 2024, no Distrito Federal. O evento foi idealizado e organizado pela psicóloga Adriana Rodrigues e equipe do Instituto Psicologia e Dinheiro.

## **Considerações Finais**

Compreender a história dessa teoria, tão importante para as Ciências e para a sociedade, faz parte da construção do alicerce para novos caminhos e tempos,

nos quais tabus e preconceitos são abolidos em nome do bem-estar financeiro e da saúde mental de todos. Portanto, ampliar o campo e seguir investindo em pesquisas e trabalhos interdisciplinares é de grande relevância tanto para a psicologia quanto para a sociedade como um todo.

## Referências Bibliográficas

Guimarães, C. M. B. (2007). *O meu, o seu, o nosso: O processo de construção conjunta do compromisso financeiro do casal de dupla carreira em fase de aquisição do ciclo vital*. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15590>

Guimarães, C. M. B. (2012). *“Um minuto para comprar e uma vida para pagar”:* Padrões de interação em casais nos quais um dos membros é diagnosticado como comprador compulsivo. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15231>

Manfredini, A. M. N. (2007). *Pais e filhos: Um estudo da educação financeira em famílias na fase de aquisição*. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15634>

Manfredini, A. M. N. (2019). *As relações com o dinheiro: Construindo, destruindo, re e coconstruindo caminhos possíveis com o dinheiro na família*. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/22161>

Meirelles, V. M. (2012). *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta*. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15216>

Moreira, A. (2000). *Valores e dinheiros: Um estudo transcultural das relações entre prioridades de valores e significado do dinheiro para indivíduos*. [Tese de doutorado não publicada]. Universidade de Brasília.

Schünke, L. (2020). *O meu, o teu ou o nosso?: O manejo do dinheiro na*

*conjugalidade*. [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Schünke, L. (2024). *“Se trata de uma questão da vivência dela (e), na casa dela(e). Não é uma questão racional!”: Experiências financeiras na família de origem e o manejo do dinheiro na conjugalidade*. [Tese de doutorado não publicada]. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

### **Agradecimentos:**

Ao CNPq, cuja bolsa de apoio foi fundamental para a realização da tese desta autora. \*Psicóloga, psicoterapeuta, doutora em Psicologia Clínica com a tese “Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta”.

PALESTRA

**A RELEVÂNCIA DA INCLUSÃO DO TEMA DINHEIRO NO CONTEXTO  
PSICOTERAPÊUTICO**

**Angélica Rodrigues Santos**

[angelicarasantos@gmail.com](mailto:angelicarasantos@gmail.com)

**Palavras-chave:** dinheiro, psicoterapia, maturidade emocional, crenças financeiras, dinâmica familiar

### **Resumo**

O presente artigo aborda a importância da inclusão do tema dinheiro no contexto terapêutico, evidenciando como a relação dos indivíduos com suas finanças pode refletir aspectos profundos da maturidade emocional, crenças pessoais e dinâmicas familiares. O estudo também examina os desafios enfrentados pelos profissionais da psicologia ao tratar do assunto e propõe estratégias para a integração eficaz desta pauta nas sessões terapêuticas.

### **Introdução**

O dinheiro é um elemento preponderante na vida adulta, especialmente em uma sociedade capitalista onde as transações financeiras são fundamentais para a subsistência e a operação cotidiana das atividades. A administração financeira pessoal, portanto, pode ser um reflexo significativo da maturidade emocional do indivíduo (Ferreira, 2007). Este estudo visa explorar como a interação com o dinheiro pode revelar aspectos subjetivos, relacionados ao desenvolvimento emocional e às crenças pessoais, além de avaliar como esses elementos podem ser abordados de maneira eficaz no setting terapêutico.

### **Desenvolvimento e Discussão**

A habilidade de gerir o dinheiro de forma eficaz é frequentemente correlacionada com a maturidade emocional (Furnham & Argyle, 2014). A autonomia financeira não se refere necessariamente à acumulação de riqueza, mas sim à capacidade de manter um equilíbrio financeiro, que inclui a habilidade de evitar dívidas, realizar poupanças adequadas e cumprir compromissos financeiros. Indivíduos que enfrentam dificuldades financeiras persistentes frequentemente demonstram sinais de imaturidade emocional, o que reflete uma dificuldade em assumir as responsabilidades e exigências da vida adulta (Madanes & Madanes, 1997). Esta inter-relação entre finanças e maturidade emocional pode fornecer um vislumbre das complexidades do desenvolvimento psicológico do indivíduo.

A relação que um indivíduo estabelece com o dinheiro pode revelar crenças intrínsecas sobre a vida, o trabalho e a própria autoimagem (Meirelles, 2012). A percepção do próprio valor, a adequação da remuneração ao nível de competência e a sensação de valorização no ambiente profissional estão intimamente ligadas à gestão financeira pessoal. Além disso, a relação com o dinheiro pode manifestar fenômenos como o endividamento emocional, em que o sujeito sente uma sensação de dívida constante, seja no aspecto financeiro ou emocional (Tolotti, 2007). Este fenômeno pode se manifestar em comportamentos tais como a necessidade de compensar débitos emocionais por meio de gastos excessivos ou a sensação de estar perpetuamente em dívida com outros. Por vezes, as dificuldades financeiras escondem uma série de dificuldades em outras instâncias da vida, como o autocuidado, a capacidade de lidar com limites, a tolerância à frustração, a necessidade de recompensa imediata, dentre outros (Santos & Carmo, 2012).

As dinâmicas familiares desempenham um papel crucial na formação das atitudes e comportamentos financeiros dos indivíduos. Traumas relacionados ao dinheiro, como falências, enriquecimento ilícito ou eventos trágicos como perda de propriedade e desastres naturais podem impactar significativamente a forma como o indivíduo lida com suas finanças (Furnham & Argyle, 2014). Tais experiências podem ser transmitidas através das gerações, moldando a maneira como o dinheiro é percebido e gerido. Adicionalmente, padrões de endividamento emocional frequentemente estão associados a tentativas de

compensar falhas parentais ou manipulações emocionais entre pais e filhos (Santos & Carmo, 2012).

Apesar da sua relevância, a inclusão do tema dinheiro na prática psicoterapêutica é muitas vezes negligenciada. Diversos desafios confrontam os profissionais da psicologia ao abordar este tema, passando pelo constrangimento pessoal para discutir o assunto, as questões financeiras pessoais dos próprios psicoterapeutas, bem como a resistência dos pacientes em abordar suas finanças (Furnham & Argyle, 2014). Essas barreiras podem ser atribuídas a crenças culturais negativas sobre dinheiro, além da falta de preparo técnico dos profissionais para lidar com questões financeiras de maneira abrangente e eficaz.

Para tratar o tema no contexto psicoterapêutico de forma construtiva, é imperativo adotar uma abordagem sensível e respeitosa. O profissional deve estar atento aos sinais não verbais do paciente ao introduzir o tema de maneira gradual. Questões como a organização financeira, a experiência emocional associada ao dinheiro e as crenças familiares devem ser exploradas para obter uma compreensão mais profunda da relação do paciente com suas finanças (Meirelles, 2012). A observação da postura e da comunicação do paciente é fundamental, e a abordagem deve ser ajustada com base na disposição e na abertura do paciente para discutir o problema, respeitando seu ritmo e suas condições emocionais para se aprofundar nos conflitos ligados ao dinheiro.

### **Considerações Finais**

A discussão sobre dinheiro pode servir como um espelho para diversos aspectos da vida emocional e relacional do indivíduo. Assim, é crucial que os profissionais da Psicologia integrem o tema financeiro em suas práticas terapêuticas para obter uma compreensão mais abrangente dos conflitos e desafios enfrentados pelos pacientes. A capacidade de abordar e explorar questões financeiras pode: fornecer *insights* valiosos sobre o desenvolvimento emocional e a dinâmica relacional dos indivíduos, contribuir positivamente para que o processo psicoterápico seja mais profundo e, ainda, por conseguinte, facilitar que o paciente também avance em outros âmbitos, visto que o dinheiro está relacionado a inúmeros significados subjetivos, que, se tratados, podem colaborar para uma reorganização emocional na vida como um todo.

Como estratégias para futuras ações, pode-se sugerir uma interface com a Sociologia e a Pedagogia, para que, juntamente com a Psicologia do Dinheiro, estas matérias sejam ofertadas nas grades curriculares de escolas e universidades, além de serem utilizadas como referencial teórico para a construção de políticas públicas que contemplem a discussão sobre o tema, oficinas de conscientização, fomentando o acesso à informação e construção de bons hábitos financeiros na população como um todo, para que possamos construir uma sociedade mais igualitária.

### **Referências Bibliográficas**

Ferreira, V. R. M. (2007). *Decisões econômicas: Você já parou para pensar?* Ed. Saraiva.

Furnham, A., & Argyle, M. (2014). *A psicologia do dinheiro*. Sinais de Fogo.

Madanes, C., & Madanes, C. (1997). *O significado secreto do dinheiro*. Editorial Psy.

Meirelles, V. M. (2012). *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta*. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15216>

Santos, A., & Carmo, R. (2012). *Família, afeto e finanças*. Editora Gente.

Tolotti, M. (2007). *As armadilhas do consumo: Acabe com o endividamento*. Ed. Elsevier.

### **Agradecimentos**

Expresso minha gratidão a todos que reconheceram a importância do trabalho com a Educação Financeira e a Psicologia do Dinheiro, especialmente à minha família, às colegas psicólogas e aos pacientes que contribuíram com suas experiências e confiança em meu trabalho.

PALESTRA

## "QUAL O VALOR DA CONSULTA?": CRENÇAS, CRITÉRIOS E ESTRATÉGIAS DE PRECIFICAÇÃO E COBRANÇA DE PSICOTERAPEUTAS

**Jéssica Florinda Amorim**

[jflorinda@gmail.com](mailto:jflorinda@gmail.com)

**Palavras-chave:** valor da psicoterapia, honorários, consulta psicológica, comportamento do consumidor

### **Resumo**

O presente trabalho aborda a relação entre a psicoterapia e a temática do dinheiro, com ênfase nas implicações dessa questão para a prática clínica e a remuneração dos psicoterapeutas. Por meio de uma pesquisa quantitativa envolvendo 572 psicoterapeutas no Brasil, foram investigados os fatores que influenciam a precificação das sessões, a percepção dos profissionais sobre dinheiro e a falta de estudos sobre essa temática na literatura psicológica. Os resultados indicam que crenças e atitudes relacionadas ao dinheiro impactam significativamente a prática clínica, influenciando a precificação e a gestão financeira na psicoterapia.

### **Introdução**

A psicoterapia é a principal área de atuação dos psicólogos, mas a temática do dinheiro é raramente discutida na formação e na prática clínica (Gross & Teodoro, 2009). A relação entre dinheiro e psicoterapia é complexa, envolvendo aspectos éticos, sociais e econômicos que influenciam diretamente a prática dos profissionais. Malvezzi (2010) ressalta que a história da psicologia como profissão está profundamente ligada à promoção humana, mas as questões relacionadas ao dinheiro permanecem à margem dessa discussão. Este estudo busca preencher essa lacuna, investigando as crenças, critérios e estratégias que os

psicoterapeutas utilizam para precificar seus serviços e como essas práticas refletem em sua remuneração.

## **Desenvolvimento e Discussão**

A pesquisa foi realizada com 572 psicoterapeutas brasileiros, dos quais 84,27% eram mulheres. A coleta de dados incluiu variáveis como anos de formação, carga horária semanal, valor médio das sessões, e crenças sobre a prática clínica. Os resultados mostraram que as crenças relacionadas à não cobrança e à visão de que a psicoterapia não deve ser encarada como um negócio estão associadas a uma menor remuneração. Essas crenças, muitas vezes enraizadas em valores pró-sociais e na ideia de que o cuidado deve ser desvinculado de interesses financeiros, podem levar a práticas de precificação que priorizam as necessidades dos clientes em detrimento das necessidades financeiras dos profissionais. Essa dinâmica é especialmente prevalente entre as mulheres, que historicamente têm sido socialmente condicionadas a priorizar o cuidado sobre a remuneração (Zanello, 2018).

Além disso, profissionais que atendem exclusivamente como psicoterapeutas tendem a cobrar menos do que aqueles que exercem outras atividades além da psicoterapia. Isso pode estar relacionado à dependência exclusiva da renda proveniente da psicoterapia, o que pode levar os profissionais a aceitarem valores mais baixos para garantir um fluxo constante de clientes. Em contraste, aqueles que têm outras fontes de renda podem se sentir mais confortáveis para estabelecer preços que refletem melhor o valor de seu trabalho.

Outro aspecto relevante é a influência da senioridade na precificação. Profissionais com mais anos de experiência tendem a cobrar mais por sessão, o que é consistente com a literatura que relaciona tempo de prática com aumento de habilidades e confiança na precificação (Gross & Teodoro, 2009; Fernandes et al., 2020; Gottschalk & Alves, 2006). No entanto, a pesquisa também revela que mesmo profissionais experientes podem sofrer com inseguranças relacionadas à cobrança, especialmente se não receberam treinamento formal em gestão financeira ou *marketing* durante sua formação. A discussão também abrange as diferenças de gênero na precificação, onde se constatou que mulheres tendem a cobrar menos e a mostrar mais insegurança em relação à cobrança de honorários.

Isso pode estar relacionado à socialização de gênero, que historicamente associa as mulheres a papéis de cuidado e altruísmo, em detrimento de uma postura assertiva em questões financeiras (Meirelles, 2012).

A literatura também sugere que as mulheres psicoterapeutas podem sentir uma pressão maior para atender a expectativas de flexibilidade e acessibilidade, o que pode levar a uma maior disposição para negociar valores ou oferecer preços sociais (Zanello, 2018). Além disso, a pesquisa revelou que profissionais que sublocam consultórios ou que têm outras fontes de renda dentro da psicologia tendem a cobrar mais por sessão. Isso sugere que a autonomia e o controle sobre o ambiente de trabalho e a própria prática podem influenciar positivamente na precificação. Aqueles que gerenciam seu próprio espaço têm maior capacidade de estabelecer preços que reflitam seus custos e investimentos, enquanto aqueles que dependem de terceiros para gerir a parte administrativa podem se sentir menos à vontade para cobrar valores mais altos. Por outro lado, os psicoterapeutas que atendem por planos de saúde frequentemente recebem valores bem abaixo do que seria considerado justo, o que reflete as limitações impostas por esse modelo de atendimento. A pesquisa mostrou que a média dos valores pagos pelos planos de saúde é de cerca de 30% do valor de uma consulta particular, o que coloca em evidência a precarização do trabalho do psicoterapeuta nesse contexto.

### **Considerações Finais**

Os resultados deste estudo ressaltam a necessidade de incluir a temática do dinheiro e da gestão financeira na formação de psicoterapeutas. A sub-remuneração dos profissionais, especialmente das mulheres, reflete uma lacuna significativa na educação psicológica, que precisa ser abordada para garantir a sustentabilidade da prática clínica. Recomenda-se que o Sistema Conselhos de Psicologia, os sindicatos e as instituições de ensino desenvolvam programas específicos para treinar habilidades de gestão financeira e *marketing* na psicoterapia.

### **Referências Bibliográficas**

Fernandes, M. D. E., Fernandes, S. J., & Campo, V. G. (2020). Remuneração docente: Efeitos do plano de cargos, carreira e remuneração em contexto municipal. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 28(106), 25-44. <https://doi.org/10.1590/S0104-403620190002701970>

Gottschalk, M. V., & Alves, P. (2006) Diferenciais de salários no setor de serviços. In J. A.

Negri, & D. Coelho (Eds.), *Tecnologia, exportação e emprego* (pp. 367-396). Ipea.

Gross, C. M., & Teodoro, M. L. (2009). A cobrança de honorários na prática clínica. *Psicologia Clínica*, 21(2), 315-328. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200005>

Malvezzi, S. (2010). A profissionalização dos psicólogos: Uma história de promoção humana. In A. V. B. Bastos & S. M. G. Gondim (Eds.), *O trabalho do psicólogo no Brasil* (pp. 66-84). Artmed.

Meirelles, V. M. (2012). *Atitudes, crenças e comportamentos de homens e mulheres em relação ao dinheiro na vida adulta*. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15216>

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Appris Editora.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador Fabio Iglesias, aos colegas e instituições que contribuíram para a realização desta pesquisa, bem como aos participantes que disponibilizaram seu tempo e compartilharam suas experiências. Agradeço ainda a oportunidade de ter participado desse evento pioneiro sobre psicologia do dinheiro.

## PALESTRA

# SAÚDE FINANCEIRA E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Ana Cláudia Almeida Machado**

[naclau@gmail.com](mailto:naclau@gmail.com)

**Palavras-chave:** saúde financeira, psicologia do dinheiro, qualidade de vida

### Introdução

Cada vez mais brasileiros vêm sofrendo consequências relacionadas ao adoecimento mental. O aumento da incidência de depressão e dos transtornos de ansiedade ampliou consideravelmente a demanda por atendimentos psicológicos e psiquiátricos no país nos últimos anos. No entanto, é preocupante constatar que uma expressiva parte da população permanece desassistida em relação aos cuidados psicológicos.

Embora uma grande parcela de brasileiros relate piora em sua saúde mental, muitos não fazem terapia em virtude da falta ou da dificuldade de acesso a tratamentos especializados (Schiavon, 2021). Nove em cada dez cidades brasileiras têm menos de um psicólogo para cada mil habitantes no SUS, o Sistema Único de Saúde (Galdeano, 2023). O agravamento do estado de saúde mental também vem acompanhado do abuso de substâncias psicoativas, tais como álcool e outras drogas, além do aumento na prescrição de drogas psicotrópicas. Apesar de apenas 5% dos brasileiros terem acesso à psicoterapia, um em cada seis (aproximadamente 17%) faz uso de medicamentos psiquiátricos, e aproximadamente 12% acabam recorrendo a algum tipo de tratamento alternativo, tal como meditação, ioga ou fitoterapia (Yoneshigue, 2023).

Além dos aspectos individuais, os fatores sociais que influenciam o bem-estar psíquico da população precisam ser conhecidos, compreendidos e debatidos exaustivamente pela ciência psicológica. A formulação de políticas e o planejamento de ações que visem prevenir o adoecimento ou tratar intercorrências precisam não apenas focar na máxima eficiência, mas também

ser realizados no menor prazo possível, tendo em vista a urgência com que os agravos vêm se manifestando. A produção de conhecimento científico na área é essencial quando se considera imprescindível a formação e a capacitação profissional de psicólogos para lidar com essa grave questão social.

Saúde financeira é uma expressão comumente utilizada para designar o estado satisfatório das finanças de uma empresa ou de uma nação. No entanto, o termo é bastante apropriado para designar uma boa relação das pessoas com o dinheiro, especialmente em virtude da ideia intrínseca de que o aspecto financeiro está associado a atributos como sanidade, bem-estar e qualidade de vida. Na concepção aqui adotada, saúde financeira é entendida como um estado subjetivo, resultante da avaliação que uma pessoa faz da gestão de suas finanças pessoais. Além de fatores individuais, a saúde financeira engloba fatores extrínsecos ao indivíduo, que também influenciam a autoavaliação da saúde financeira. Como ocorre com a saúde física ou a saúde mental, à medida que se perde saúde financeira, aproxima-se gradativamente do espectro do adoecimento.

Considerando que o dinheiro promove acesso a serviços de saúde, educação, segurança e infraestrutura de qualidade, e que a renda é um fator que interfere na qualidade de vida, pode-se concluir que o bem-estar psíquico é influenciado pelo desenvolvimento econômico e vice-versa. Assim, quando se trata de saúde financeira, é preciso levar em conta aspectos que ultrapassam o indivíduo e ganham a esfera econômica. É preciso compreender, por exemplo, que temas como emprego, renda, desigualdade social e custo de vida têm um papel cada vez mais importante no movimento do pêndulo do binômio saúde-adoecimento financeiro.

Seguindo o senso comum, saúde financeira pode ser entendida como um estado que se alcança quando não se gasta mais do que se ganha. Entretanto, é necessário fazer uma ressalva sobre essa simplificação, visto que, ao se conceituar o termo dessa forma, parece que toda a responsabilidade (culpa ou mérito) pela situação financeira do indivíduo é imputada a seus comportamentos e suas escolhas. Isso pode, inclusive, agravar o mal-estar psicológico que já advém das dificuldades financeiras existentes. Para a psicologia, cabe a tarefa de compreender criticamente, inclusive a partir da experiência prática de psicólogos

com essa temática, que os problemas com dinheiro possuem natureza multifacetada.

É importante compreender e avaliar séria e criticamente a pertinência do uso indiscriminado de teorias que se debruçam sobre a relação das pessoas com o dinheiro no contexto em que se vive. Outra ressalva é que esses temas devem ser associados ao conhecimento que advém da prática profissional em psicologia exercida localmente. Tais conteúdos devem fazer parte da formação da nova geração de psicólogos, de modo que a solução de problemas relacionados ao dinheiro esteja em consonância com a prática, de modo que a formação também privilegie um corpo de conhecimento estritamente teórico.

Cada vez mais, a falta de dinheiro se destaca entre as queixas dos pacientes. Considerando que a falta de renda coloca em risco a saúde mental, uma das saídas possíveis quando se precisa de dinheiro é a tomada de crédito, o que pode comprometer ainda mais o bem-estar psicológico devido ao risco de endividamento excessivo. O endividamento dos brasileiros tem chamado atenção nos últimos tempos e aparece com frequência nos atendimentos psicológicos.

A cada ano, são estabelecidos novos recordes de endividamento e inadimplência. Assim, na formação de psicólogos, é importante que sejam criadas disciplinas de graduação que tratem da área econômica em sua interface com a psicologia, tanto pela crescente demanda na vida dos brasileiros quanto pela relevância desse aspecto na percepção da população sobre sua qualidade de vida. Em que pese essa necessidade, disciplinas com essas características ainda não são realidade no currículo obrigatório de graduação em psicologia no Brasil.

É também desejável que os estudantes de psicologia participem de projetos de pesquisa e extensão universitária que os permitam experienciar, ainda na graduação, a prática nessa área, e isso requerer, dentre outros investimentos, a contratação de docentes capacitados na temática, o que é raro na realidade dos cursos. A psicologia do dinheiro caminha a passos módicos no Brasil, e seria importante que os gestores educacionais e a própria categoria profissional compreendesse a necessidade de uma difusão exponencial, o que contribuiria para uma melhor formação em psicologia.

Se, por um lado, é fato que o superendividamento se relaciona ao mau uso do dinheiro, por outro, as intercorrências da vida, aquelas situações inesperadas

que subitamente exigem a disponibilidade de um montante em dinheiro (que geralmente não se tem) também conduzem à tomada de crédito. Faz-se notar, igualmente, a influência do apelo ao consumo oriundo da área do *marketing*, atualmente ampliada pela fluidez das redes sociais e pelo perigoso incentivo à utilização dos jogos de azar como meios para sanar dívidas financeiras, cuja adesão coletiva poderá em breve se tornar, lamentavelmente, a nova fonte de preocupação em relação à saúde mental da população, caso nada seja feito a tempo para frear esse movimento.

O passado recente da economia brasileira também possui relação com o comportamento financeiro da população. A memória inflacionária do Brasil fez nascer uma geração de consumidores pouco acostumados a poupar e uma elite financeira habituada a praticar especulação financeira sustentada pelo pagamento de juros oriundos da posse de capital especulativo. Quando a maior parte da riqueza nacional está confinada nas mãos de poucos privilegiados, em detrimento de uma grande massa de pessoas desfavorecidas economicamente, as possibilidades de “mudar de vida” tornam-se escassas e creditadas a elementos mágicos ou à sorte, tais como ganhar na loteria, destacar-se no futebol ou alcançar sucesso como influenciador digital.

Qual a relação desses temas com a psicologia? Seu compromisso social sugere a necessidade de uma tomada de posição sobre essas questões ou ela deve permanecer neutra frente aos novos desafios? Como a organização mental é afetada pela oportunidade de acesso a recursos econômicos?

A clínica individual e patologizante parece não ser capaz de responder a tais indagações, oriundas das demandas sociais. Tornar as mentes dóceis, por meio da prática clínica aliada a um uso indiscriminado de psicotrópicos para devolver o indivíduo ao sistema que o oprime, não parece ser a resposta mais adequada – tampouco a mais ética, ainda que, em algumas situações, esse é todo o recurso que se tem disponível. A falta de sentido da vida urge para uma parcela cada vez maior de pessoas que relutam em sucumbir à exploração, e a psicologia não pode se furtar a participar desse tipo de discussão.

O trabalho, que é um elemento capaz de promover dignidade quando é devidamente remunerado, tem perdido cada vez mais seu *status* de centralidade, passando a ser um mero meio de subsistência. Indubitavelmente, este é outro

aspecto relevante de ser trazido ao debate sobre o tema. A exploração da força de trabalho, a subvalorização e os trabalhos informais, sem garantia de renda, estabilidade ou chance de aposentadoria, também influenciam o valor que se dá ao dinheiro. Assim, a psicologia do trabalho pode ser uma área parceira da psicologia do dinheiro, especialmente quando se trata de sua vertente crítica, em suas diferentes acepções.

## **Desenvolvimento e Discussão**

Segundo Fonseca e Kyrillos Neto (2021), a queda do muro de Berlim e o fim de boa parte dos estados socialistas marcam o suposto fim das utopias e faz nascer nas sociedades modernas uma intensa descrença em relação aos projetos radicais de transformação social. Foi nesse período que a psicanálise aflorou seu interesse pelo tema da utopia. A utopia consumista, baseada na falsa ideia de um mundo onde tudo é possível, é antipática à mudança social, “afinal, se nada é impossível, não há porque sequer almejar uma mudança radical” (p. 529). Segundo os autores, a máxima de que “tudo é possível” só vale para poucos privilegiados que têm o poder de compra e, por isso, deve ser questionada.

O sistema capitalista se aproveita da insatisfação que é inerente aos seres humanos e tenta vender a ideia de que o consumo de mercadorias é a solução para vencer tal descontentamento. Porém, a compreensível impotência em satisfazer os reais desejos traz implicações ao bem-estar dos indivíduos (Pacheco Filho, 2015). Tais consequências também são de natureza social. O padrão insustentável de produção e consumo é inviável ecologicamente e compromete o atendimento das necessidades de gerações futuras (Layrargues, 2022).

Em vez de uma sociedade de produção, temos hoje uma sociedade de consumidores (Bauman, 2010), que busca desenfreadamente satisfazer as necessidades humanas (Bauman, 2009), como se isso fosse algo atingível. Assim, um paradoxo se instala, uma vez que o sucesso da sociedade de consumo se baseia, justamente, na insatisfação permanente de seus membros (Bauman, 2005), levando-os a buscar continuamente essa ilusão de contentamento. A publicidade faz com que somente a imagem dos produtos, convertida em desejo, seja consumida pela massa, e o objeto, propriamente dito, esteja disponível apenas para poucos privilegiados (Kehl, 2004).

O surgimento dos cartões de crédito inverteu a lógica de consumo. Se antes era necessário “apertar o cinto, privar-se de certas alegrias, gastar com prudência e frugalidade, colocar o dinheiro economizado na caderneta de poupança e ter esperança, com cuidado e paciência, de conseguir juntar o suficiente para transformar os sonhos em realidade” (Bauman, 2010, p. 12), hoje se tornou possível subverter essa ordem, desfrutando-se agora e pagando depois. No Brasil, a realização imediata de necessidades e desejos foi possível à medida que muitos brasileiros passaram a ter acesso a empréstimos, em especial a partir da primeira década deste século. Entretanto, ainda que o acesso ao crédito tenha beneficiado muitas pessoas e pequenos negócios, o aumento na oferta dessa modalidade de negócio desacompanhada de um programa de educação financeira também conduziu uma expressiva parte da população ao descontrole em relação às finanças (Machado, 2021).

A lógica por trás do sucesso do sistema financeiro brasileiro é sustentada pela ausência de governos que afrontem a manutenção de privilégios históricos ao setor e impeçam a cobrança estratosférica de juros bancários aos consumidores. Além disso, é importante destacar a presença de um sistema de gestão do trabalho bancário que incentiva os trabalhadores a perseguirem metas que incluem oferta de crédito, cartões de crédito e outros produtos bancários, a despeito de sua manutenção no emprego. Metas inalcançáveis e pressões de toda sorte são comuns nesse ambiente laboral e levam, algumas vezes, ao uso de mentiras e enganações como parte da rotina de trabalho. A pressão por que passam esses trabalhadores é tão significativa que muitos acabam sucumbindo ao adoecimento mental ao se verem impelidos a cumprir ordens às quais reprovam sob o ponto de vista moral (Machado et al., 2020).

### ***Uma Visão Crítica Sobre a Formação em Psicologia***

Nas palavras de Parker e Pavón-Cuéllar (2022):

Muitos dos nossos problemas são reduzidos à psicologia individual pela sociedade, pela cultura de massas, pelos meios de comunicação de massas e pelos profissionais *psi*, psicólogos, psiquiatras e outros, treinados para fazer exatamente isso, reduzir tudo ao psicológico. O resultado pode ser, por exemplo, que nossos problemas políticos acabem parecendo

“psicológicos”, mas não são. Como podemos repolitizá-los? Como lutar “fora” contra as raízes daquilo que sentimos “dentro”? (s.p.)

Todas essas questões implicam a formação em psicologia. Cabe apenas uma ressalva: ao mesmo tempo em que é preciso politizar a formação, há de tomar cuidado para que essa abordagem não seja alienante, impositiva. Afinal, trata-se de uma sala de aula, onde o objetivo primordial deve ser o desenvolvimento de um pensamento crítico. É importante que seja deixado o espaço para que os estudantes cheguem às suas próprias conclusões – sim, a partir da teoria, é claro (sempre escolhida com base em critérios respaldados cientificamente), mas também por meio da participação em debates (que devem promovidos dentro e fora em sala de aula) e, sobretudo, do conhecimento oriundo da prática *per se* em psicologia. Importa para essa formação crítica e socialmente comprometida tanto o conjunto de dados compilados a partir da experiência acumulada em estágios, projetos de pesquisa e atividades de extensão, quanto a partir de materiais científicos oriundos da pesquisa científica e da prática psicológica.

A experiência que este texto propõe para a área da psicologia do dinheiro se assemelha, quiçá ao trabalho desenvolvido pela professora Sílvia Lane, mas certamente se inspira nele. Dentre suas práticas em sala de aula, destaca-se a motivação para que os estudantes do curso de psicologia fossem a campo coletar dados do cotidiano para, assim, confrontar o que se observou com o conteúdo de textos clássicos da área de psicologia social, o que os permitiu constatar que a produção científica não alcançava a realidade observada empiricamente (Lane, 1999).

Na mesma linha de pensamento, destaca-se a seguinte passagem de uma entrevista concedida pela professora Ana Maria Bock:

Hoje, a Psicologia luta para ser acessível a quem dela precise, para possuir instrumentos teóricos e recursos técnicos que se relacionem diretamente com as necessidades de nossa gente, que tenha como meta abolir condições sociais degradantes, como a desigualdade e a fome, que contribua para dar visibilidade às formas de manipulação e violência que impõem formas de ser e pensar... enfim, o projeto do compromisso social é uma afirmação de intenções de termos uma Psicologia a serviço da

sociedade e da construção da democracia e da igualdade, do respeito à vida e às relações solidárias. O que deveremos fazer em cada lugar e em cada momento, o contexto nos dirá (Grigoletto Neto, 2023, p. 6).

A psicologia do dinheiro construída sob as bases que norteiam o pensamento dessas duas pensadoras pode ter como destino a promoção de saúde mental e melhoria da qualidade de vida de milhões de brasileiros. Soma-se a este fato a crescente procura pelo ingresso nos cursos de psicologia do país. A carreira de psicologia foi a segunda mais concorrida no vestibular da Fuvest de 2024, ficando atrás apenas da medicina (Jornal da USP, 2023), e a procura pelo curso de psicologia mais que dobrou de 2010 a 2021 (Mattos & Rocha, 2023).

Por fim, destaca-se a gravidade das consequências que as questões financeiras provocam sobre as pessoas, incluindo depressão e suicídio, o que torna esse tema também um problema de saúde pública (Machado, 2021). Assim, conhecimentos oriundos da saúde coletiva também podem contribuir para a construção de conhecimentos na área da psicologia do dinheiro quanto à sua melhor abordagem.

Como o foco da saúde coletiva está em compreender a saúde a partir dos seus determinantes sociais, suas práticas se orientam para a prevenção e o cuidado de agravos, não apenas de indivíduos, mas, sobretudo, de grupos sociais, visando, portanto, a coletividade (Vieira-da-Silva et al., 2014). Experiências de trabalho em grupo têm se mostrado bem-sucedidas na abordagem da psicologia do dinheiro e devem ser incentivadas sempre que possível, inclusive para ampliar o acesso da população a serviços dessa natureza.

### **Considerações Finais**

Como a psicologia vai se posicionar em relação às provocações incitadas neste texto? A atuação de psicólogos e outros profissionais interessados na área deve ter uma ênfase individual ou coletiva? As reflexões aqui tecidas estão alinhadas à necessidade de tornar o conhecimento sobre psicologia do dinheiro mais robusto e mais difundido, principalmente considerando a urgência de que esse novo arcabouço científico seja produzido e disseminado.

É importante também que esse novo corpo de conhecimento a ser produzido esteja vinculado à realidade da população, conhecida, dentre outras formas, por meio da experiência empírica já acumulada por profissionais que lidam cotidianamente com esta temática. Para isso, será necessário planejar formas de transformar tal conhecimento empírico em dados científicos, passíveis de mensuração, refutação e confirmação pela academia “clássica”. Deve-se unir o mundo da ciência e o da prática em psicologia em prol da produção de um corpo de conhecimento que seja capaz de embasar uma formação profissional cada vez mais eficaz, capaz de produzir resultados relevantes para a verdadeira transformação da sociedade.

Ao mesmo tempo em que é feito o convite para a academia se aproximar da prática profissional, é também necessário envidar esforços no sentido de atrair os profissionais ditos “chão de fábrica” para o universo científico. A formação em psicologia pode se valer tanto de conhecimento desenvolvidos em laboratórios ou a partir de referenciais teóricos clássicos sobre o tema (na maior parte, lamentavelmente, oriundos de pesquisadores estrangeiros), quanto da produção de temas inéditos à própria ciência, permitindo, assim, evoluir a partir do vasto e rico repertório que ainda não foi compilado, em parte devido a um indesejável (e inaceitável!) distanciamento que parece existir entre o mundo acadêmico e a prática profissional.

Frente a esse sistema que imputa ao consumidor a necessidade de gastar quando há recursos e, na sua ausência, tomar empréstimos para conseguir consumir, é um verdadeiro ato de heroísmo não sucumbir à tentação de satisfazer desejos de consumo que, muitas vezes, se transformam em verdadeiras necessidades. Pensando em formas eficazes de reduzir esse problema no futuro, e considerando que a escola deve ser local onde os temas capazes de proteger as crianças sejam trabalhados com maestria (de forma que elas não dependam da sorte de serem criadas em ambientes familiares e sociais saudáveis), lá devem ser aplicados os recursos para que aprendam a cuidar, desde sempre, de sua saúde financeira. Da mesma forma que a educação pode contribuir para a identificação de violências intrafamiliares ou para a formação da consciência ambiental, ela também tem o potencial de capacitar os brasileirinhos no sentido de desenvolverem uma relação saudável com o dinheiro, a partir do despertar de

uma consciência crítica, de forma gradual, porém constante, por toda sua formação.

De forma sucinta, cinco pontos parecem ser essenciais para ampliar o alcance e a potência da área da psicologia do dinheiro para a solução de problemas reais por que a população brasileira passa em relação à temática: (a) o fortalecimento do trinômio ensino-pesquisa-extensão nos cursos de graduação em psicologia, concomitantemente à valorização das universidades e ao incentivo à ciência; (b) a mudança de foco da psicologia, saindo de uma abordagem individual para o manejo de grupos, como parte da solução de problemas coletivos; (c) a ampliação do conceito de clínica, passando a ser mais grupal que individual, reduzindo qualquer resquício de viés patologizante de doenças do capitalismo; (d) a inclusão de temas como trabalho, renda e exploração como indissociáveis ao debate sobre o respeito à dignidade humana e à promoção da saúde mental de coletividades; e (e) a ampliação de ações voltadas à psicologia do dinheiro, elaboradas a partir de preceitos da saúde coletiva com total respeito aos direitos humanos.

Tais questões não esgotam os desafios postos à área, mas acredita-se que possam balizar estratégias a serem traçadas coletivamente a partir do compartilhamento desses ideais comuns. Aos que se interessarem pela promoção dessa perspectiva e uma mudança de rumo da área de psicologia do dinheiro no Brasil, fica desde já o convite para futuras parcerias em prol deste grande, porém necessário, desafio que é imposto à nossa geração.

## **Referências Bibliográficas**

Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Jorge Zahar Editor.

Bauman, Z. (2009). *A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas*. Jorge Zahar Editor.

Bauman, Z. (2010). *Capitalismo parasitário*. Jorge Zahar Editor.

Fonseca, T., & Kyrillos Neto, F. (2021). Psicanálise e utopia: Sobre abordagens divergentes. *Psicanálise Clínica*, 33(3), 519-533.  
<https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0033n03A07>

Galdeano, L. (2023, 16 de Setembro). *9 em cada 10 cidades têm menos de um psicólogo por mil habitantes no SUS*. Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2023/09/9-em-cada-10-cidades-tem-menos-de-um-psicologo-por-mil-habitantes-no-sus.shtml#:~:text=Nove%20em%20cada%20dez%20munic%C3%ADpios,o%20sofrimento%20mental%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o>.

Grigoletto Neto, J. V. (2023). Entrevista com Ana Mercês Bahia Bock. *Conversas em Psicologia*, 4(2), 1-6. <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n2.entrevista>

Jornal da USP (2023, 23 de Outubro). *FUVEST divulga relação de candidatos por vaga e inscritos no vestibular 2024*. Jornal da USP. <https://jornal.usp.br/universidade/fuvest-divulga-relacao-de-candidatos-por-vaga-e-inscritos-no-vestibular-2024/>

Mattos, L., & Rocha, C. (2023, 11 de Março). *Procura por cursos de psicologia nas faculdades explode no Brasil*. Estado de Minas. [https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2023/03/11/internas\\_educacao.1467562/procura-por-curso-de-psicologia-nas-faculdades-explode-no-brasil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/educacao/2023/03/11/internas_educacao.1467562/procura-por-curso-de-psicologia-nas-faculdades-explode-no-brasil.shtml)

Kehl, M. R. (2004). O espetáculo como meio de subjetivação. In E. Bucci & M. R. Kehl (Orgs.), *Videologias* (pp. 43-62). Boitempo.

Lane, S. T. M. (1999). Os fundamentos teóricos e conclusões. In S. T. M. Lane & Y. Araújo (Orgs.), *Arqueologia das emoções* (pp. 11-33). Vozes.

Layrargues, P. P. (2022). Ecologia política da sociedade de consumo e a 'produção destrutiva' no limiar do colapso ambiental. *Trabalho Necessário*, 20(43), 1-41. <https://doi.org/10.22409/tn.v20i43.54650>

Machado, A. C. A. (2021). *Proteção e risco de superendividamento, variáveis psicológicas e financeiras: Um estudo de preditores de qualidade de vida*. [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/42997>

Machado, A. C. A., Facas, E. P., & Seidl, E. M. (2020). Superendividamento e sofrimento ético de trabalhadores bancários. *Revista Integrativa de em Inovação*

*Tecnológica nas Ciências da Saúde*, 6, 213-229.  
<https://doi.org/10.46635/revise.v6iFluxo%20Contínuo.1869>

Pacheco Filho, R. A. (2015). Compra uma Mercedes Benz prá mim? *Psicologia Revista*, 24(1), 15-44.  
<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/24227/17437>

Parker, I., Pavón-Cuéllar, D. (2022). *Psicanálise e revolução: Psicologia crítica para movimentos de liberação*. Autêntica.

Schiavon, F. (2021, 21 de Dezembro). *Brasileiro sente piora na saúde mental, mas não faz terapia*. Veja Saúde.  
<https://saude.abril.com.br/mente-saudavel/brasileiro-sente-piora-na-saude-mental-mas-nao-faz-terapia#:~:text=%E2%80%9CO%20preocupante%20%C3%A9%20ter%20um,de%20Sa%C3%BAde%20Populacional%20da%20SulAm%C3%A9rica>.

Vieira-da-Silva, L. M., Paim, J. S., & Schraiber, L. B. (2014). O que é saúde coletiva? In J. S. Paim & N. Almeida-Filho (Orgs.), *Saúde coletiva: Teoria e prática* (pp. 3-12). MedBook.  
Yoneshigue, B. (2023, 4 de Agosto). *Apenas 5% dos brasileiros fazem terapia, mas 1 a cada 6 usam medicamentos, mostra pesquisa inédita sobre saúde mental*. O Globo.  
<https://amb.org.br/brasil-urgente/apenas-5-dos-brasileiros-fazem-terapia-mas-1-a-cada-6-usam-medicamentos-mostra-pesquisa-inedita-sobre-saude-mental/>

## **Agradecimentos**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos de doutorado, sem a qual meu esforço para aprofundar academicamente esta temática teria sido muito mais árduo.

À Universidade de Brasília (UnB), por tudo o que vivi em seus inexistentes muros, pelos preceitos éticos que alicerçaram minha formação desde a graduação, e pelo privilégio de integrar projetos de pesquisa que mostraram que a confluência saudável entre sociedades, governos e uma academia comprometida socialmente é algo indissociável para a transformação da vida de milhões de brasileiros.

Ao Instituto Psicologia e Dinheiro, pelo convite em participar do inesquecível I Encontro Psicologia do Dinheiro na Prática Clínica, pela iniciativa de expandir o conhecimento nessa temática tão relevante, assim como pela oportunidade de estabelecimento de trocas e parcerias capazes de elevar o conhecimento na área a patamares que urgem ser alcançados.

## PSICOLOGIA DO DINHEIRO: UMA AGENDA DE PESQUISA E INTERVENÇÃO

**Karoline Maria da Silva Giló e Fabio Iglesias**

[karoline.gilo@aluno.unb.br](mailto:karoline.gilo@aluno.unb.br) – [iglesias@unb.br](mailto:iglesias@unb.br)

**Palavras-chave:** psicologia do dinheiro, pesquisa, intervenção

### Introdução

Embora seja objeto típico de investigação da administração, economia e contabilidade, é na psicologia que se tenta compreender as atitudes e comportamentos relacionados ao dinheiro. Áreas como psicologia econômica, comportamento do consumidor e economia comportamental revelam que a relação que as pessoas estabelecem com o dinheiro nem sempre é racional. Isso acontece uma vez que, além das funções econômicas, tal qual unidade de conta ou reserva de valor, o dinheiro também possui atributos emocionais e sociais, construídos com base em sentimentos, crenças e significados pessoais (Zaleskiewics et al., 2018).

Reconhecer as características psicológicas do dinheiro é muito estratégico, sobretudo por sua importância aplicada à prática profissional. Ainda assim, muitos psicólogos e profissionais de áreas afins ainda não dominam esses conhecimentos ou temas, mesmo havendo trabalhos relevantes, reconhecidos com Prêmios Nobel. Este trabalho tem como objetivo descrever os principais temas da psicologia do dinheiro, além de apontar como podem ser desenvolvidos no contexto brasileiro. Para isso, empregou-se uma revisão sistemática na área, abrangendo bases de dados que incluem revistas científicas e outras publicações acadêmicas.

### Resultados e Discussão

Foram encontrados quatro eixos temáticos principais dentro da área da psicologia do dinheiro. Em primeiro lugar, tem-se a frente de investigação de

atitudes e comportamentos: o modo de agir com o dinheiro depende de diversas variáveis (Sesini & Lozza, 2023), como a faixa etária dos sujeitos, seus traços de personalidade (introversão ou extroversão), o grau de escolaridade, além de emoções momentâneas (felicidade, tristeza ou raiva), do contexto econômico (taxas de juros e inflação) e dos modos de pagamento utilizados (dinheiro físico ou cartão de crédito). Este eixo investigou fatores ligados a gastos, compras compulsivas, uso de crédito e poupança.

O segundo eixo identificado se configura como o simbolismo: o dinheiro pode assumir um caráter positivo ou negativo a depender de quem o utiliza (Moreira & Tamayo, 1999). A título de exemplo, é possível citar os aspectos monetários associados ao prazer, como bem-estar e felicidade, ao poder, como autoridade e prestígio, ao conflito, como desconfiança e desavenças, e ao sofrimento, como desequilíbrio emocional. Esta frente se conectou aos estudos cujos temas focam na diferença de gênero no uso de dinheiro, no materialismo presente nas compras compulsivas e em determinados traços clínicos, tal qual a vaidade.

O terceiro eixo, por sua vez, atuou no âmbito das heurísticas e vieses: as pessoas, de maneira geral, utilizam de atalhos mentais para tentar simplificar seus processos decisórios. No entanto, esta tentativa acaba resultando em erros sistemáticos, os quais são chamados de vieses comportamentais (Kahneman, 2012). Nessa lógica, há o efeito enquadramento: a forma como se responde a um problema específico depende da maneira como ele é apresentado. Esta frente de pesquisa visou as finanças comportamentais, os hábitos, as preferências e as escolhas – aqueles fatores ligados ao processo de tomada de decisão financeira.

Por fim, o quarto eixo diz respeito aos aspectos associados à esfera da saúde mental, tema de suma importância para profissionais da psicologia: certos estressores crônicos, que se fazem presentes em contextos financeiros, detêm a capacidade de minar os recursos psicológicos disponíveis (Frankhama et al., 2020). Como consequência, aumenta-se a vulnerabilidade destes indivíduos frente ao surgimento de transtornos psicológicos e de sofrimentos emocionais, como ansiedade generalizada, quadros depressivos e situações de autoagressão. Destacaram-se, neste eixo de estudo, as compras inadequadas persuadidas por vendedores (Iglesias & Damasceno, 2013), as dificuldades financeiras, as dívidas e a incerteza de renda.

Esta agenda de pesquisa apresenta o potencial de contribuir para o avanço científico da psicologia do dinheiro, uma vez que a área ainda se caracteriza como incipiente, sobretudo quando em comparação a outros campos de conhecimento psicológicos. O desenvolvimento de novas teorias, a sistematização de conhecimentos já observados na prática profissional e a comprovação de descobertas até então não investigadas são alguns exemplos. De maneira complementar, inúmeros benefícios sociais também podem derivar deste avanço, a partir da construção de políticas públicas sobre o assunto, da capacitação de profissionais para lidar com o dinheiro e com os aspectos psicológicos subjacentes e do desenvolvimento de programas educacionais para a população como um todo.

### **Considerações Finais**

Apesar dos recentes avanços observados, principalmente nos últimos cinco anos, ainda são poucos os estudos que se propõem a investigar a influência psicológica do dinheiro (Furnham & Murphy, 2019). Quando isto acontece, é feito em maior número por outras áreas de conhecimento que não a psicologia, como a economia, a antropologia e a sociologia. Este cenário reforça a importância de se ter um olhar mais aguçado para a agenda de pesquisa em evidência. Assim, torna-se necessário considerar como os ensinamentos provenientes da psicologia do dinheiro devem ser ensinados nos cursos de graduação e pós-graduação, sobretudo incorporados às práticas de precificação, cobrança e gerenciamento do dinheiro na psicologia.

Além dos eixos aqui revisados, sugere-se outras frentes de investigações no universo da psicologia do dinheiro, como: a diferenças de gênero na forma de se entender e utilizar o dinheiro; o processo de socialização financeira (como lições familiares sobre dinheiro são capazes de influenciar o comportamento futuro de adultos); a influência de fatores ambientais, como o local (on-line ou presencial) e a forma de pagamento (à vista ou a crédito); as crenças estereotipadas sobre o dinheiro (baixa confiança financeira de mulheres); os efeitos cognitivos provenientes de situações crônicas de escassez de recursos; e a arquitetura de escolhas nos hábitos financeiros.

## Referências Bibliográficas

Frankham, C., Richardson, T., & Maguire, N. (2020). Psychological factors associated with financial hardship and mental health: A systematic review. *Clinical Psychology Review*, 77(4), 1-24. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2020.101832>

Furnham, A., & Murphy, T-A. (2019). Money types, money beliefs, and financial worries: An Australian study. *Australian Journal of Psychology*, 71(2), 193-199. <https://doi.org/10.1111/ajpy.12219>

Iglesias, F., & Damasceno, R. (2013). Estratégias persuasivas de vendedores: As percepções de consumidores em lojas de varejo. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 13(2), 171-186. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v13n2/v13n2a06.pdf>

Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar: Duas formas de pensar*. Objetiva.

Moreira, A., & Tamayo, A. (1999). Escala de significado do dinheiro: Desenvolvimento e validação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 93-105. <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000200002>

Sesini, G., & Lozza, E. (2023). Understanding individual attitude to money: A systematic scoping review and research agenda. *Collabra: Psychology*, 9(1), 1-25. <https://doi.org/10.1525/collabra.77305>

Zaleskiewicz, T., Gasiorowska, A., & Vohs, K. (2018). The psychological meaning of money. In R. Ranyard (Ed.), *Economic psychology* (pp. 108-118). John Wiley & Sons. <https://doi.org/10.1002/9781118926352.ch7>

PÔSTER

## **POR QUE É TÃO DIFÍCIL FALAR SOBRE DINHEIRO NA CLÍNICA? UMA LEITURA JUNGUIANA**

**Karoline Maria da Silva Giló**

[karoline.gilo@aluno.unb.br](mailto:karoline.gilo@aluno.unb.br)

**Palavras-chave:** dinheiro, psicologia junguiana, clínica

### **Introdução**

Assuntos relacionados ao dinheiro são pouco mencionados, não apenas nas pesquisas contempladas pela literatura psicológica, especialmente na psicologia do dinheiro, mas também dentro dos consultórios. Atualmente, ainda é possível observar no ambiente clínico certa evitação por parte de analistas e analisados, psicólogos e clientes, no que diz respeito a conversas sobre temas financeiros. Frente à necessidade de conduzir situações assim, comumente emergem sentimentos de caráter negativo por parte dos envolvidos, como desconforto, insegurança e ansiedade.

Nesse sentido, mesmo que seja imprescindível dialogar sobre dinheiro na clínica, este processo pode se revelar desagradável e moroso, o que leva, por sua vez, à escolha natural de optar por manter no sigilo. Como consequência, a relação financeira estabelecida entre as duas partes componentes deste universo é afetada. Inclui-se nesta situação questões monetárias, como o valor a ser pago pelas sessões, o modo e a frequência de pagamento, os reajustes de honorários, bem como os possíveis atrasos, faltas ou inconstâncias com dinheiro por parte do paciente.

Assim, torna-se possível questionar: o que leva a essa dificuldade? Como pode ser superada? O que explica nossa forma frequentemente negativa de pensar sobre o dinheiro? Como a teoria psicológica de Carl Gustav Jung (1875-1961) explica nossos pensamentos sobre dinheiro? O objetivo deste trabalho é analisar a dificuldade de falar sobre dinheiro na clínica, além de descrever a

manifestação do conceito junguiano de sombra nesta relação financeira. Para isso, empregou-se uma revisão bibliográfica na área de bases de dados que incluem, sobretudo, as obras básicas do autor supracitado.

## **Resultados e Discussão**

Como mencionamos, o ato de falar sobre dinheiro nos consultórios clínicos ainda permanece emaranhado por inúmeros fatores negativos. Uma das razões para isso está relacionada ao fato de que os aspectos monetários são frequentemente cercados de tabus, tanto pela sociedade como um todo quanto, especificamente, por profissionais da psicologia. Estes traços estão presentes na discussão sobre o dinheiro desde a época em que a maioria das transações financeiras, tal qual a atividade bancária ou o empréstimo, eram vistas como práticas desonestas (Jung, 1964/2007).

Por esse ângulo, tratar de assuntos sobre dinheiro de maneira transparente e aberta se configura como uma prática não incentivada socialmente (Jung, 1964/2007). É comum, por exemplo, que filhos não tenham conhecimento sobre quanto seus pais ganham ou que colegas de trabalho não conversem acerca dos seus montantes salariais. Além disso, perguntar diretamente da conta bancária ou da saúde financeira de alguém pode ser visto como desagradável ou inadequado, mesmo nos casos em que a pessoa em questão for alguém próxima do seu ciclo social.

Quando se trata dos profissionais da psicologia, as circunstâncias são agravadas. Este trabalho é comumente relacionado as noções sociais de “psicologia por amor”, “psicologia para ajudar o próximo” ou “psicologia para se conhecer melhor”. Assim, a atividade clínica do psicólogo se caracteriza coletivamente como algo contrário ao objetivo de obter lucros financeiros e à construção de um honorário justo, de acordo com o tempo de formação despendido e com os custos do ambiente de trabalho.

Como consequência, a relação dos analistas e analisandos com dinheiro é permeada pelo conceito junguiano de sombra, a instância psicológica que contém os conteúdos vistos como contrários às normas sociais estabelecidas (Jung, 1940/2013). Ao ser entrelaçada à parte inferior da personalidade, a sombra é formada por aspectos considerados desfavoráveis, por funções mal resolvidas e

por assuntos do inconsciente pessoal (Jung, 1916/1980). Além do elemento individual, este fator detém um material coletivo do grupo em que o sujeito está inserido.

Quando compreendido como algo discrepante da prática clínica, o dinheiro se situa na sombra do analista, do analisando e da sociedade. Estabelecer uma relação financeira não se enquadra, portanto, nas leis sociais e nas regras da vida consciente do ambiente clínico, o que leva à sua rejeição por motivos morais e de conveniência (Jung, 1947/2013). Emprestar dinheiro a um cliente, por exemplo, pode ser compreendido pelos psicólogos como algo mais grave do que gritar com ele ou empurrá-lo (Lockhart et. al, 1997).

No entanto, como acontece com conteúdos levados à sombra, o dinheiro não possui por si só uma conotação intrinsecamente negativa (Jung, 1916/1980). Apesar de ser compreendido como algo inadequado ou incômodo pelas partes envolvidas no ambiente clínico, recursos monetários detêm a potencialidade de se transformar em qualidades positivas ou impulsos criadores. Para isso, seria necessária uma mudança de atitude ao tratar desse assunto, transformando-o de um conteúdo psicológico ignorado em uma parte preponderante do processo analítico (Jung, 1957/2015).

Cabe ressaltar que não há possibilidade de desenvolvimento psicológico sem abraçar os aspectos presentes na sombra individual e coletiva (Jung, 1959/2002). Isto se aplica à relação financeira estabelecida entre analista e analisando, uma vez que conteúdos ignorados, como o dinheiro, são passíveis de ocasionar problemas éticos e inúmeros prejuízos. Como dito por Jung (1947/2013): “não se pode renunciar por muito tempo à própria sombra, a não ser que se viva em eterna escuridão” (p. 195)

### **Considerações Finais**

O presente trabalho teve como objetivo analisar o conceito junguiano de sombra e sua prevalência na relação financeira estabelecida entre analista e analisando. Dessa forma, destacou-se certas consequências inerentes à concepção social de que a atividade clínica do psicólogo estaria pautada apenas no ato de sacerdócio e não na visão de lucros ou remuneração. Este pré-conceito

atua de forma negativa no ato de tratar sobre dinheiro no ambiente clínico, fazendo-o se manifestar na sombra da relação analista-analisando.

Por conseguinte, o dinheiro passa a ser compreendido como um fator negativo e acarretador de sentimentos como desconforto e ansiedade quando abordado. Apesar disso, aspectos monetários apresentam uma potencialidade criativa, podem ocasionar dados positivos caso bem elaborados e são elementos imprescindíveis do trabalho terapêutico. Vale destacar que a forma com que as pessoas convivem com o dinheiro produz efeitos em vários outros segmentos da sua vida.

Em síntese, no universo das relações psicoterapêuticas há a necessidade de se contemplar em mais detalhes as relações estabelecidas com os fatores financeiros, sobretudo por parte dos analistas. Como reforçado por Jung (1954/1985), o que não se torna claro para estes profissionais – talvez por não desejar reconhecer certos aspectos em si mesmos – impede que esses aspectos se tornem conscientes para seus analisandos. Nesse ângulo, vale o questionamento do papel do dinheiro para todas as partes envolvidas no processo analítico e no ambiente clínico.

### **Referências Bibliográficas**

Jung, C. G. (1980). *Psicologia do inconsciente* (2ª ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1916)

Jung, C. G. (1985). *A prática da psicoterapia: Contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência* (6ª ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1954)

Jung, C. G. (2002). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (2ª ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1959)

Jung, C. G. (2007). *Civilização em transição* (3ª ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1964)

Jung, C. G. (2013). *A natureza da psique* (10ª ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1947)

Jung, C. G. (2013). *Psicologia e religião* (10ª ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1940)

Jung, C. G. (2015). *Vida simbólica: Escritos diversos* (7ª ed.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1957)

Lockhart, R., Hillman, J., Vasada, A., Perry, J., Covitz, J., & Gubbenbuhl-Craig, A. (1997). *Dinheiro e alma*. Spring Publications.

## COMPRAS IMPULSIVAS NO TRANSTORNO DISFÓRICO PRÉ-MENSTRUAL

**Luara Fernandes Monteiro**

[luarafernandesm@hotmail.com](mailto:luarafernandesm@hotmail.com)

**Palavras-chave:** compras impulsivas, TPM, transtorno disfórico pré-menstrual

### Introdução

Todos os meses, milhões de mulheres em idade reprodutiva vivenciam oscilações hormonais para regular a sua fertilidade. De acordo com estudos epidemiológicos, até 80% delas apresentam sintomas físicos e/ou psíquicos no período pré-menstrual e uma porcentagem menor, de 3% a 11%, experimenta esses sintomas de forma severa, resultando em prejuízos sociais, familiares e/ou profissionais, sendo então diagnosticadas com o transtorno disfórico pré-menstrual (TDPM) (Valadares et al., 2017).

Existem relatos de mais de 150 sintomas físicos, psíquicos e comportamentais da tensão pré-menstrual (TPM) que são resultados de um complexo conjunto de fatores biológicos, psicológicos e ambientais. Valadares et al. (2017) ressaltam que alguns sintomas se assemelham não apenas a quadros depressivos, mas também a quadros compulsivos e mesmo psicóticos. É de conhecimento popular a compulsão por doces e alimentos prazerosos durante a síndrome pré-menstrual (SPM), mas outros estudos e este relato de experiência também apontam para comportamentos impulsivos por compras durante a SPM, principalmente durante a TDPM, já que seus sintomas são mais intensos e frequentes.

O Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Psiquiátrica Americana utiliza os seguintes critérios para diagnosticar o TDPM:

(a) Os sintomas devem ocorrer durante a semana anterior à menstruação e remitem poucos dias após o início desta. Cinco dos seguintes sintomas devem estar presentes e pelo menos um deles deve ser o de número 1, 2, 3, ou 4: (1) humor deprimido, sentimentos de falta de esperança ou pensamentos autodepreciativos; (2) ansiedade acentuada, tensão, sentimentos de estar com os "nervos à flor da pele"; (3) significativa instabilidade afetiva; (4) raiva ou irritabilidade persistente e conflitos interpessoais aumentados; (5) interesse diminuído pelas atividades habituais, (6) sentimento subjetivo de dificuldade em se concentrar; (7) letargia, fadiga fácil ou acentuada falta de energia; (8) alteração acentuada do apetite, excessos alimentares ou avidez por determinados alimentos; (9) hipersonia ou insônia; (10) sentimentos subjetivos de descontrole emocional; (11) outros sintomas físicos, como sensibilidade ou inchaço das mamas, dor de cabeça, dor articular ou muscular, sensação de inchaço geral "e ganho de peso";

(b) Os sintomas devem interferir ou trazer prejuízo no trabalho, na escola, nas atividades cotidianas ou nos relacionamentos;

(c) Os sintomas não devem ser apenas exacerbação de outras doenças;

(d) Os critérios A, B, e C devem ser confirmados por anotações prospectivas em diário durante pelo menos dois ciclos consecutivos. (American Psychiatric Association, 2013).

Tais sintomas podem aumentar as chances de compras por impulso, já que comprar libera dopamina no cérebro, neurotransmissor associado à sensação de prazer e recompensa, sendo uma forma de alívio para dores físicas e emocionais, como estresse e traumas. Portanto, devido ao tamanho da população feminina atingida pela SPM e pela TDPM, é importante que a psicologia do dinheiro esteja atenta a esses diagnósticos, a fim de que essas mulheres sejam tratadas e cuidadas em sua integralidade, visando um comportamento financeiro mais assertivo.

A psicologia do dinheiro é definida por Furnham e Argyle (2000) como uma ciência que estuda o comportamento das pessoas em relação ao dinheiro, especialmente o significado psicológico que atribuem a ele, suas crenças, sentimentos e comportamentos financeiros, bem como a influência do dinheiro nas relações. Klontz e Klontz (2011) adicionam que ela representa a aplicação da

psicologia clínica às finanças pessoais, promovendo a saúde financeira e o bem-estar. Desse modo, os psicólogos do dinheiro precisam estar atentos à possibilidade de compras impulsivas em consequência também de uma SPM ou TDPM para que trabalhem em conjunto com ginecologistas e psiquiatras.

## **Desenvolvimento e Discussão**

As compras impulsivas são caracterizadas por anseio repentino e intenso que induz a comprar algo imediatamente e possuem diversos motivadores, sendo o prazer, a busca por satisfazer algum desejo interno, a influência social e a personalidade os mais conhecidos (Costa, 2002). Entretanto, nas mulheres há ainda as alterações nos níveis hormonais durante o período fértil que também precisam ser consideradas, pois aumentam a impulsividade e a busca em elevar seu status social. Durante et al. (2014) endossam que o ciclo ovulatório influencia o comportamento econômico das mulheres. A partir da psicologia evolucionista, os autores levantam a hipótese de que o período fértil aumenta o desejo das mulheres em melhorar sua posição social, o que deve modificar suas decisões econômicas.

Outros estudos como o de Vicent et al. (2023) afirmam que o desejo sexual, a atividade física, as escolhas econômicas e outros comportamentos flutuam ao longo do ciclo menstrual. Os autores relataram que 209 mulheres com ciclo natural tiveram aumento na preferência por recompensas mais imediatas no meio do ciclo, sendo pelo menos parcialmente impulsionado por mudanças na fertilidade, já que a recompensa imediata no período fértil pode ajudar a adquirir suprimentos importantes para melhorar a atratividade sexual, a fim de reproduzir. Portanto, durante o período fértil as mulheres tendem a gastar mais dinheiro em produtos e serviços que melhoram a aparência, visando se destacar e elevar seu status social.

Lucas e Koff (2017) pesquisaram mulheres férteis, em comparação a mulheres não férteis, e perceberam que as primeiras exibiram um desconto mais acentuado em uma tarefa de escolha monetária, ou seja, elas preferiam recompensas menores e mais imediatas do que as maiores e mais tarde, a fim de garantir recursos que poderiam ser usados no momento presente para propósitos de acasalamento. Em outras palavras, as compras poderiam ajudar as mulheres a

ganharem recursos que melhorariam sua aparência a fim de atrair parceiros ou dissuadir rivais.

Lara et al. (2015) realizaram um estudo exploratório e profundo com 12 mulheres e puderam concluir que os estados de humor inerentes à TPM potencializam as condições emocionais, influenciando atitudes e comportamento de compra impulsiva e compulsiva. As compras buscam satisfazer uma necessidade racional, hedonista ou emocional de se sentirem mais bonitas, de preencher um vazio emocional e de aliviar tensões. Tais compras não planejadas provocaram sofrimentos e arrependimento nas participantes, o que estimulou as mesmas a desenvolverem estratégias para evitar as compras impulsivas, como por exemplo, adiar as decisões importante, avisar as pessoas que está de TPM, buscar tratamentos clínicos, comprar itens de menor valor, além de se distrair e repousar.

A partir dessas referências e da psicologia do dinheiro foi possível auxiliar uma paciente de 48 anos, casada, mãe de dois filhos e representante comercial, a identificar e gerenciar suas emoções durante os gastos. Ela relatou oscilações no controle financeiro, alternando entre períodos de controle satisfatório e momentos de descontrole, resultando em estresse e vergonha. Ela teve uma infância traumática, sentia medo frequentemente, pois a mãe era rígida e econômica, o pai bravo e o irmão esquizofrênico (que ameaçava sua segurança física). Para ela, as compras funcionavam como uma forma de "fuga" dos problemas, aumentando sua autoestima, dissipando sua raiva e a deixando mais feliz e mais calma. Foi sugerido o uso de exercícios de autorregulação emocional, atualização do espaço físico, ressignificação de crenças e fortalecimento da autoestima.

Observou-se ainda que as compras compulsivas ocorriam principalmente durante a TPM da paciente. Foi recomendada a adesão ao tratamento prescrito pelo ginecologista para o transtorno disfórico pré-menstrual, utilizando succinato de desvenlafaxina monoidratada. Durante a TPM, a paciente apresentava sintomas como irritação, ansiedade, sensibilidade emocional e aumento nas compras. Após o início do tratamento psicológico e farmacológico, observou-se uma melhora significativa em seu equilíbrio emocional, reduzindo as compras impulsivas, o estresse e os conflitos conjugais. Esses benefícios se

mantiveram ao longo dos meses, refletindo uma mudança positiva na qualidade de vida.

Antes do tratamento, a paciente realizava compras frequentes e, muitas vezes, duplicadas. Durante o tratamento, relatou períodos de até dois meses sem sentir a necessidade de comprar, e, quando o fazia, escolhia itens após cuidadosa análise. Suas finanças foram organizadas e ela abandonou o uso do cartão de crédito.

### **Considerações Finais**

Considera-se a psicologia do dinheiro eficaz por sua abordagem empática e isenta de julgamentos em relação aos comportamentos financeiros disfuncionais, buscando compreender as motivações subjacentes e promovendo novas estratégias de gestão financeira mais saudáveis, tanto do ponto de vista financeiro quanto social.

Buscar compreender o significado emocional das compras para cada indivíduo é crucial no atendimento psicológico financeiro, visando compreender suas necessidades emocionais e fisiológicas não satisfeitas para que assim seja possível encontrar outras formas de resolução além das compras.

Portanto, para complementar a atuação dos psicólogos financeiros e os estudos sobre as decisões e comportamentos financeiros, sugere-se uma atenção também aos aspectos fisiológicos dos pacientes, como hormônios, idade e condição física, pois, além das necessidades emocionais e sugestões sociais no ato de comprar, há também influências fisiológicas, visto que o ser humano é um ser biopsicossocial e as flutuações hormonais podem aumentar os níveis de instabilidade emocional, irritação e ansiedade, afetando significativamente o comportamento financeiro. Um tratamento integrado que inclua tanto a psicoterapia quanto a abordagem fisiológica pode proporcionar resultados mais consistentes ao longo do tempo.

### **Referências Bibliográficas**

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5<sup>a</sup> ed.).

<https://psychiatryonline.org/doi/book/10.1176/appi.books.9780890425596>

Costa, F. C. X. (2002). *Relacionamento entre influências ambientais e o comportamento de compra por impulso: Um estudo em lojas físicas e virtuais*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.

<https://doi.org/10.11606/T.12.2003.tde-24072003-171428>

Durante, K. M., Griskevicius, V., Cantú, S. M., & Simpson, J. A. (2014). Dinheiro, status e o ciclo ovulatório. *Journal of Marketing Research*, 51(1), 27-39.

<https://doi.org/10.1509/jmr.11.0327>

Furnham, A., & Argyle, M. (1998). *The psychology of money*. Routledge.

Klontz, B., & Klontz, T. (2011). *A mente acima do dinheiro: O impacto das emoções em sua vida financeira*. Novo Século.

Lara, J. E., Barbosa, A. A., & Pinto, M. R. (2015). Mulheres, tensão pré-menstrual e compras: Freud explica? *Revista Pretexto*, 16(3), 58-76.

<https://doi.org/10.21723/1984-6983.v16.n3.2015.779>

Lucas, M., & Koff, E. (2017). Mulheres férteis desconsideram o futuro: Risco de concepção e impulsividade estão independentemente associados a decisões financeiras. *Evolutionary Psychological Science*, 3, 261-269.

<https://doi.org/10.1007/s40806-017-0094-8>

Valadares, G. C., Ferreira, L. V., Correa Filho, H., & Romano-Silva, M. A. (2006). Transtorno disfórico pré-menstrual revisão: Conceito, história, epidemiologia e etiologia. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 33(3), 117-123.

<https://doi.org/10.1590/S0101-60832006000300001>

Vincent, B. T., Sztwiertnia, M., Koomen, R., et al. (2023). Descontos por dinheiro, comida e sexo ao longo do ciclo menstrual. *Evolutionary Psychological Science*, 9,

71-81. <https://doi.org/10.1007/s40806-022-00334-z>

## **Agradecimentos**

Primeiramente à Deus pela vida. Agradecimento especial à minha paciente que autorizou compartilhar sua história e vivência terapêutica, à Adriana por ter me ensinado muito da prática clínica da psicologia do dinheiro e principalmente por ter me motivado a publicar minhas percepções, ao meu marido Fernando, por me apoiar e me dar o suporte necessário em casa e com a nossa filha para eu conseguir estudar e escrever. Por fim, agradeço minha família que é a minha fonte de segurança, amor e diversão.

## MESAS REDONDAS

### **EU NÃO SOU O MEU PAI!**

**Sarah Karina Marcondes dos Santos Lima**

[sarah.psico@hotmail.com](mailto:sarah.psico@hotmail.com)

**Palavras-chave:** lealdade familiar, endividamento, diferenciação, transgeracionalidade

#### **Introdução**

Como psicóloga clínica, psicoterapeuta de famílias e casais e professora universitária, percebo o quão presente é o assunto dinheiro na vida das pessoas. Poderia listar muitos casos aqui e, principalmente, a motivação para estudar e aplicar os princípios da psicologia do dinheiro nos atendimentos clínicos, provocados depois das aulas de dinheiro e gênero na pós-graduação em terapia familiar sistêmica.

A psicologia do dinheiro é uma abordagem da psicologia que examina como as crenças, emoções e comportamentos das pessoas em relação ao dinheiro afetam sua saúde mental e bem-estar. Esta área integra conceitos da psicologia tradicional e da economia comportamental, proporcionando uma compreensão aprofundada do modo como as decisões financeiras são tomadas e como essas decisões impactam a vida das pessoas.

As questões financeiras são uma das principais fontes de estresse na vida moderna. A ciência tem demonstrado por meio de estudos realizados que o estresse financeiro está fortemente associado a problemas de saúde mental, incluindo ansiedade, depressão e conflitos interpessoais. Entender a relação que os indivíduos têm com o dinheiro é essencial para oferecer um cuidado integral e eficaz na prática clínica (Ariely & Kreisler, 2019).

O principal objetivo da psicologia do dinheiro na prática clínica é contribuir para o desenvolvimento de uma relação mais saudável entre o indivíduo e o

dinheiro. Isso inclui revisitar a história da sua família de origem e as heranças transgeracionais nos sistemas familiares, identificar e modificar crenças disfuncionais sobre finanças, promover uma gestão financeira consciente e reduzir o estresse financeiro.

O objetivo deste trabalho é relatar a experiência da autora na condução de sessões psicoterápicas no formato individual, com base teórica na psicoterapia familiar sistêmica e a psicologia do dinheiro.

### **Descrição da Experiência**

O caso aqui apresentado foi vivenciado no contexto clínico em atendimentos *on-line*. Trata-se de cliente do gênero masculino, 40 anos, casado, pai de três filhos que chamaremos de CJ. CJ trabalhava em uma multinacional e há um ano e meio pediu demissão. Hoje, trabalha com investimentos, tem um projeto imobiliário em andamento e cuida de alguns bens da família de origem. Seus pais são divorciados e parte dos bens foram atribuídos à mãe do cliente na ocasião do divórcio. CJ é o filho mais novo do segundo casamento do pai. A mãe foi casada apenas com o pai do cliente. Ele relata que o pai o colocava para trabalhar desde os 8 anos de idade, e que saiu da casa dos pais com 17 anos para fazer faculdade e nunca mais voltou a morar com eles. Ele e sua irmã têm um contrato com a mãe para administrar uma fazenda que ficou sob sua responsabilidade depois do divórcio e, por esse serviço prestado, cobram um percentual.

Quando precisava de recursos, o pai não o ajudava e, às vezes, a mãe o socorria. Trabalhou por quase 20 anos em uma multinacional, casou-se e seus pais não se envolveram financeiramente no casamento. O pai de CJ tinha uma empresa que foi a leilão por conta do endividamento. Atualmente, está respondendo processos trabalhistas e execuções financeiras e não tem mais condições de se manter financeiramente, o que resultou em sua mudança para a casa do filho (cliente). Por determinado período, o cliente e sua irmã estiveram como sócios na empresa do pai, e, mesmo rompendo a sociedade, ele teve seus bens e conta bancária bloqueados. Relatou que tirou todos os bens do seu nome e que tem a impressão de que terá que se defender para o resto da vida. Certa vez, uma intimação em seu nome foi enviada à empresa em que ele trabalhava,

mas era, na verdade, destinada ao pai, já que ambos possuem o mesmo nome e sobrenome, e a única diferença é o acréscimo de “Filho” ao final.

Diante dessas experiências negativas, ele buscou se ocultar nas redes sociais e até mesmo no mercado de trabalho. Também falou do interesse em se programar para ir embora do país com sua família nuclear, pois tem necessidade de ser tratado como uma pessoa que não deve nada e que não precisaria se justificar o tempo todo que não é o pai dele. CJ tem necessidade de diferenciação dentro da sua família de origem.

Os métodos e estratégias para alcançar os objetivos terapêuticos são oriundos da aplicação da psicologia do dinheiro e da psicoterapia familiar sistêmica, sendo que a narrativa colaborativa propiciou verificar os traumas financeiros e o significado do dinheiro para o cliente.

De acordo com Klontz e Klontz (2011), as primeiras etapas da vida são carregadas de intensa emoção, o que resulta em conceitos que carregamos para a vida adulta. Grande parte da maneira como gerenciamos nosso dinheiro na fase adulta é influenciada pelos preceitos financeiros que desenvolvemos na infância, os chamados *flashpoints*. No entanto, esses preceitos financeiros podem causar diversos distúrbios financeiros nos indivíduos, já que sua relação com o dinheiro é moldada por eles, que frequentemente não refletem a realidade.

Os recursos e materiais empregados na intervenção foram: anamnese, genograma financeiro, questionários e entrevistas semiestruturadas e técnicas de respiração. A anamnese permitiu conhecer a vida pregressa do cliente, incluindo as relações interpessoais familiares e trabalhistas. O genograma construtivista é uma ferramenta que utiliza de representações gráficas das relações e interações familiares usando fotos e imagens, visando ampliar o conhecimento do contexto vivido (Cervený, 2014). O genograma financeiro permitiu visualizar a forma como os integrantes da família de origem de CJ se relacionavam com o dinheiro e nomear os papéis vividos por cada um da sua família de origem e da sua família nuclear. Por meio deste instrumento, foi possível conhecer os facilitadores, os dependentes, os ladrões, visualizar as questões transgeracionais com relação ao dinheiro, as fronteiras e questões de lealdades familiares. Já os questionários e entrevistas propiciaram a descoberta de traumas, e do significado do dinheiro

para ele. As técnicas de respiração foram utilizadas em momentos em que o cliente se sentia ansioso e indeciso.

**Figura 1**



## **Resultados e Impacto**

O cliente CJ teve um progresso significativo no seu processo psicoterápico, principalmente porque alguns assuntos que antes estavam em nível consciente incompetente passaram a um nível de consciente competente. Ele percebia a situação como sufocante, mas não sabia o que fazer. Para o genograma financeiro, solicitei que trouxesse à sessão notas de dinheiro para atribuir valores a cada membro da sua família de origem. Ao escolher dinheiro de brincadeira, perguntei o que mais era falso em sua vida. Ele relatou que esta pergunta o fez pensar muito sobre o que estava faltando com a verdade.

Em todas as sessões, perguntava como ele se sentia diante de cada situação vivida a respeito do dinheiro. Ele relatou que o dinheiro traz problema e brigas. Percebe que o pai vive no passado e que nunca mais terá o “poder” que antes tinha. Este provavelmente está passando por uma neurose de classe; antes tinha bens, empregados, propriedades e hoje vive “de favor” com CJ. Por meio do relato do cliente, fica evidente que o distúrbio de rejeição do dinheiro está vigente na vida dele, tendo em vista que ele também não tem bens no seu nome, não gosta de dinheiro e deixa as finanças da família nuclear aos cuidados da esposa. Mesmo trabalhando com investimentos, percebe que se sente paralisado e

muitas vezes deixou de ganhar mais por achar que o que tinha já estava bom, parando antes da hora.

Quando falamos sobre a intenção de morar em outro país, ele trouxe o desejo de diferenciação do pai e da família, e o provoqueei com o termo expatriado, ressaltando inclusive que a etimologia da palavra pátria, que no latim se refere a pai. Provoqueei-o no sentido de que o desejo dele era estar fora do pai, *ex-pátria* (grifo meu). CJ relatou que ficou muito claro para ele depois de ter entendido o significado da palavra, pois tem raiva de ter o mesmo nome do pai, de ter sido questionado sobre a falência das empresas e por o confundirem com seu pai.

O cliente passa por uma sobreposição de fases do ciclo vital familiar, tendo filhos pequenos vivendo com sua família de origem a fase de aquisição e com os pais idosos na fase última do ciclo vital, os quais precisam de cuidados e enfrentam limitações físicas, mentais e financeiras. Por vezes, diz se sentir estagnado e não consegue tomar decisões. Disse a ele que quem chega primeiro na tomada de decisão é a emoção.

Kahneman (2012) propõe em sua teoria que a tomada de decisão ocorre por meio de dois sistemas, chamados de Sistema 1 (S1) e Sistema 2 (S2), sendo que o S1 se refere às operações automáticas, intuitivas, de ação precipitada, sem esforço, mais primitivo e, o S2 tem como uma de suas funções a autocrítica, resistindo às sugestões de S1, protegendo-se das emoções propostas por S1. As capacidades do S1 incluem habilidades inatas que compartilhamos com os outros animais. No entanto, o Sistema 1 possui vieses, erros sistemáticos que podem ser cometidos em determinadas situações. Outro ponto que influencia a tomada de decisões, é o humor. Várias causas de conforto ou tensão têm efeitos intercambiáveis.

Disse ao CJ que Kahneman afirma que, quando você se encontra em um estado de conforto cognitivo, pode estar de bom humor, gostar do que vê, acreditar no que ouve, confiar na sua intuição e sentir que a situação atual é confortável e familiar. Suas ideias também são mais casuais e superficiais. Quando você está nervoso, é mais provável que seja cauteloso e desconfiado, se esforce mais no que está fazendo, se sinta menos confortável e cometa menos erros. O humor desempenha um papel importante na tomada de decisões, muitas vezes afetando nossos processos de pensamento e levando a escolhas que podem não

ser puramente racionais. Para os momentos em que se perceber pressionado a tomar uma decisão, propus exercícios de respiração para que a sua tomada de decisão seja mais assertiva e consciente possível.

### **Lições Aprendidas**

Sempre me pego pensando que, para falar de dinheiro, é preciso ter coragem. O cliente vem em busca de psicoterapia com uma queixa sobre seu relacionamento com o dinheiro e em vários momentos entra em reatividade, por vezes construindo uma barreira para realmente olhar o que precisa ser olhado. Falar sobre dinheiro é falar sobre a sua própria vida, sua própria família.

Aprendi com este caso que cada movimento que o cliente faz, por menor que seja, é um progresso! Aprendi que o genograma é uma ferramenta imprescindível no estudo da relação com o dinheiro, e o melhor é que o próprio cliente quem o monta. Aprendi que a psicoterapia familiar sistêmica contribui com ferramentas profundas e práticas no processo de investigação da construção do significado do dinheiro, pois fizemos referências às heranças transgeracionais, ao nome do cliente, à diferenciação, às fases do ciclo vital familiar. Aprendi que trabalhar a relação do meu cliente com dinheiro é trabalhar outras relações na vida dele, sejam familiares, de trabalho ou de amizades.

A inclusão de discussões sobre valores pessoais e objetivos de vida proporciona uma compreensão mais ampla do papel do dinheiro. Identificar padrões de comportamento repetitivos é crucial para quebrar ciclos prejudiciais. Para melhorias futuras, desejo incorporar mais técnicas de *mindfulness* e meditação, para ajudar os clientes a lidarem com a ansiedade financeira. Além disso, fomentar um ambiente de confiança e segurança é fundamental para que os clientes se sintam à vontade para explorar suas emoções e crenças relacionadas ao dinheiro.

### **Considerações Finais**

Ao relacionar a psicologia do dinheiro à psicologia clínica, damos abertura às novas possibilidades de entendimento do uso do dinheiro e, mais ainda, das

relações entre as pessoas, as famílias e os efeitos da transmissão de valores e crenças entre gerações.

A experiência descrita ilustra a complexidade das interações entre questões financeiras e emocionais na prática clínica. A aplicação da psicologia do dinheiro, aliada à psicoterapia familiar sistêmica, revelou-se eficaz na identificação e resolução de traumas financeiros, proporcionando ao cliente uma compreensão aprofundada de sua relação com o dinheiro e suas origens familiares. Através do uso de ferramentas como o genograma financeiro, questionários, entrevistas semiestruturadas e técnicas de respiração, análise de heranças transgeracionais e as fases do ciclo vital familiar, foi possível identificar e trabalhar traumas financeiros e crenças disfuncionais. A experiência com CJ mostrou que cada pequeno progresso é significativo e que entender a história financeira familiar é crucial para promover mudanças positivas. A abordagem colaborativa e o foco na diferenciação familiar foram cruciais para ajudar o cliente a reestruturar suas crenças e comportamentos financeiros disfuncionais.

Falar sobre dinheiro revela questões profundas relacionadas à vida e à família, e é essencial criar um ambiente seguro e de confiança para explorar essas questões. No futuro, a integração de técnicas de *mindfulness* e meditação poderá aprimorar ainda mais a capacidade dos clientes de gerenciar a ansiedade financeira, promovendo um ambiente terapêutico seguro e de confiança. A inclusão de discussões sobre valores pessoais e objetivos de vida proporciona uma compreensão mais ampla do papel do dinheiro. Este caso reforça a importância de abordar a relação com o dinheiro de forma holística, beneficiando não apenas a saúde financeira dos clientes, mas também seu bem-estar emocional e relacional.

## **Referências Bibliográficas**

Ariely, D., & Kreisler, J. (2019). *A psicologia do dinheiro: Descubra como as emoções influenciam nossas escolhas financeiras e aprenda a tomar decisões mais inteligentes*. Sextante.

Cervený, C. M. O. (2014). *O livro do genograma*. Roca.

Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar: Duas formas de pensar*. Objetiva.

Klontz, B., & Klontz, T. (2011). *A mente acima do dinheiro: O impacto das emoções em sua vida financeira*. Novo Século.

## **DINHEIRO E VALOR PESSOAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ATENDIMENTO DE UM CLIENTE COM DEMANDA RELACIONADA AO DINHEIRO**

**Márcia Fialho Fiuza Lopes**

[consultorio.psimarciafialho@gmail.com](mailto:consultorio.psimarciafialho@gmail.com)

**Palavras-chave:** psicologia do dinheiro, terapia cognitivo-comportamental, gestão financeira, relacionamentos familiares

### **Introdução**

A psicologia do dinheiro examina como as pessoas se comportam em relação ao dinheiro, focando no significado psicológico que atribuem a ele, suas crenças e atitudes, além de como o utilizam e o impacto que o dinheiro tem nas relações humanas.

Nossos comportamentos autodestrutivos e defensivos relacionados ao dinheiro não são dirigidos pelo pensamento racional. Na verdade, eles emergem de forças psicológicas que estão além de nosso consciente e têm raízes profundas em nosso passado (Klontz & Klontz, 2011).

### **Descrição da Experiência**

A experiência foi realizada ao longo de três meses, por meio de sessões de terapia online com duração de 50 minutos cada. Era a primeira vez que o paciente procurava um psicólogo.

Queixa principal: o paciente não conseguia receber dinheiro diretamente de um cliente, nem falar sobre planos de pagamento; também não sabia quanto ganhava, pois acreditava que cobrava caro e que seu trabalho não valia o valor pelo qual era remunerado. Ele evitava saber quanto ganhava, escondia as compras dos familiares, tinha sócios que causavam prejuízos à empresa e

trabalhava exaustivamente. No entanto, não apresentava dificuldade para gerar dinheiro, nem para poupar, e não estava endividado.

Utilizamos técnicas como o genograma financeiro, meditações guiadas, entrevistas iniciais e de encerramento. Recursos como questionários, listas de problemas e objetivos da terapia, exercícios de desafio de pensamentos automáticos negativos e outras ferramentas de TCC foram utilizados para apoiar as intervenções.

A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) foi criada na década de 1960 pelo psiquiatra Aaron Beck. Esta forma de psicoterapia, que é breve e estruturada, foi inicialmente desenvolvida para o tratamento da depressão (Beck, 1997). Segundo Aguilar (2021), Beck observou que as crenças e pensamentos dos pacientes tinham um impacto direto em seus padrões de comportamento. Portanto, é possível afirmar que a TCC não se concentra na situação em si, mas na maneira como cada indivíduo a percebe e enfrenta.

Crenças sobre o dinheiro identificadas no cliente: (a) dinheiro é sujo; (b) quem tem dinheiro é arrogante; (c) eu cobro muito caro; (d) o meu trabalho não é tão bom assim.

## **Resultados e Impacto**

O atendimento clínico, com base nos conhecimentos da psicologia do dinheiro, resultou em mudanças significativas no comportamento financeiro do cliente. Ele contratou pessoal e implementou sistemas para melhor organizar suas finanças, passou a saber quanto ganhava e sentiu-se mais confortável ao receber pagamentos. Futuras intervenções podem se concentrar em continuar fortalecendo suas relações familiares e conjugais.

## **Lições Aprendidas**

Durante os atendimentos, observei aspectos positivos, como a determinação do cliente em melhorar e crescer profissionalmente, bem como sua abertura para mudanças. No entanto, os desafios incluíram sua resistência inicial em discutir finanças e sua tendência ao *workaholismo*. Sugestões para melhorias futuras incluem estabelecer limites claros entre trabalho e vida pessoal e

continuar trabalhando na comunicação com a esposa para fortalecer o relacionamento.

## **Conclusão**

A aplicação da psicologia do dinheiro no caso mostrou-se eficaz em melhorar a relação do cliente com o dinheiro e a gestão financeira de seu negócio, contribuindo para um maior bem-estar e equilíbrio emocional. Este relato destaca a relevância desta abordagem na prática clínica e sua capacidade de promover mudanças positivas e duradouras nos pacientes.

## **Referências Bibliográficas**

Aguilar, R. (2021). *Neurociência aplicada à educação* (3ª ed.). Editora Edicon.

Beck, J. S. (1997). *Terapia cognitiva: Teoria e prática*. Artmed.

Klontz, B., & Klontz, T. (2011). *A mente acima do dinheiro: O impacto das emoções em sua vida financeira*. Novo Século.

## **Agradecimentos**

Gostaria de expressar minha profunda gratidão ao Instituto Psicologia do Dinheiro pela valiosa oportunidade de aprimorar meus conhecimentos na área da psicologia do dinheiro. A experiência proporcionada tem sido fundamental para o enriquecimento da minha prática profissional, permitindo-me aplicar conceitos inovadores e desenvolver abordagens mais eficazes no atendimento clínico. Agradeço, em especial, pela chance de participar do 1º Encontro de Psicologia do Dinheiro aplicado à prática clínica, um evento que marcou um passo importante na construção dessa ciência no Brasil. Sinto-me honrada por ter meu nome associado a este marco histórico e por contribuir para o avanço dessa disciplina tão essencial para a compreensão e manejo das questões financeiras na vida das pessoas.

MESA REDONDA

## **APLICAÇÃO DO MÉTODO MAHOUT – MÉTODO PARA MUDANÇA DE COMPORTAMENTO FINANCEIRO BASEADO NA ACT – TERAPIA DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO**

**Maria Helena Manso**

[maria.manso.psi@gmail.com](mailto:maria.manso.psi@gmail.com)

**Palavras-chave:** psicologia do dinheiro, ACT para comportamento financeiro, saúde financeira

### **Introdução**

A psicologia do dinheiro é um campo da psicologia que explora como nossas emoções e comportamentos afetam nossas decisões financeiras. Ela nos ajuda a compreender por que gastamos, economizamos ou investimos da maneira como fazemos. Nossas emoções desempenham um papel fundamental em nossas finanças. Por exemplo, a ansiedade pode nos fazer gastar por impulso para aliviar o estresse.

O método Mahout foi criado a partir da analogia do elefante, sugerida pelo psicólogo americano Jonathan Haidt (2012), envolvendo o condutor e o caminho, baseado na psicologia do dinheiro, terapia de aceitação e compromisso e planejamento financeiro. O método Mahout é dividido em 5 etapas:

1. Descoberta do padrão matricial – Conhecendo o elefante
2. Familiarizando-se com o caminho – Clareza dos valores
3. Flexibilização psicológica – Mobilizando o elefante
4. Planejamento financeiro básico – Condutor entrando em ação
5. Antecipando barreiras – Garantindo que o elefante não saia do caminho

### **Descrição da Experiência**

## **Caso Bia**

Bia, 25 anos, de classe média, formada em administração de empresas. Tem duas irmãs, estudaram em ótimas escolas e fez intercâmbio. Reconhece que os pais são carinhosos e provedores. Mesmo nesse contexto confortável promovido pela família, desde que entrou no mercado de trabalho, Bia ficou incomodada com a forma como estava lidando com seu dinheiro. Ela procurou a terapia financeira com a queixa de sentir ansiedade ao lidar com o dinheiro e a dificuldade de poupar. Durante os 6 primeiros meses, trabalhamos com sessões semanais; atualmente, estamos nos encontrando quinzenalmente.

## **Resultados e Impactos**

O caso de Bia é interessante: não se trata de endividamento nem de dificuldade em ganhar dinheiro, mas de um padrão matricial que não funcionou ao lidar com o dinheiro. Trata-se de uma busca de ajuda preventiva, o que aumenta consideravelmente a possibilidade de sucesso.

Chegamos à conclusão de que a ansiedade surgia porque o padrão da Bia responsável não estava funcionando ao lidar com o dinheiro. A dificuldade em guardar e lidar melhor com o dinheiro estava presente porque os pais, sendo muito provedores, não conseguiram ensinar a Bia a lidar com a frustração. Quando Bia descobriu que a cada decisão financeira a frustração poderia aparecer, ficou mais fácil fazer escolhas mais acertadas.

O método está sendo usado com outros pacientes. Percebe-se um desafio maior em casos de superendividamento e compulsões por compras, o que demanda mais estudos e ajuda de uma equipe multidisciplinar.

## **Lições Aprendidas**

Quando falamos em terapia financeira, logo se pensa em casos de superendividamento e compulsão por compras. Este caso mostra que usar a psicologia do dinheiro como ação preventiva pode trazer benefícios mais rápidos e eficazes. O método está sendo aplicado com outros clientes com diferentes demandas financeiras. Temos nos deparado com resultados positivos e desafios

em alguns casos, o que mostra a necessidade de mais estudos na aplicação do método proposto.

## **Conclusão**

A principal abordagem terapêutica utilizada no modelo Mahout é a ACT – Terapia de Aceitação e Compromisso – que é amplamente estudada e se mostra útil em uma ampla gama de condições de saúde mental e comportamental, bem como em questões de desempenho e bem-estar social. Sua utilização tem se mostrado, até aqui, também eficaz na mudança de comportamento financeiro.

## **Referências Bibliográficas**

Haidt, J. (2012). *The righteous mind: Why good people are divided by politics and religion*. Pantheon Books.

## MESA REDONDA

# UM OLHAR HISTÓRICO-CULTURAL SOBRE O DINHEIRO: RELATO DE CONSULTORIA FINANCEIRA PARA MULHERES

**Aline Guilherme de Melo**

[aline@psinaocomplica.com.br](mailto:aline@psinaocomplica.com.br)

**Palavras-chave:** psicologia histórico-cultural, dinheiro, cultura

### **Introdução**

O tema das finanças tem sido abordado tradicionalmente por economistas, investidores e influenciadores a partir de um olhar individualizante. Dessa forma, são percebidos discursos que atrelam os resultados financeiros apenas a esforços individuais – e que, muitas vezes, culpabilizam a pessoa que não sabe lidar bem com o dinheiro ou não conquista o ideal social de sucesso financeiro.

Diante do avanço da área de psicologia do dinheiro no Brasil, é fundamental situar em que bases teóricas nos orientamos para discutir a relação das pessoas com esse recurso. Ariely e Kreisler (2019) apontam que o dinheiro não tem valor por si só, apenas representa algo. Assim, é preciso entender como cada sociedade dá significado ao dinheiro, pois os significados sociais influenciam diretamente como cada pessoa vai se relacionar com ele.

A partir dessa discussão, o presente relato de experiência tem como marco teórico a psicologia histórico-cultural e seu objetivo é indicar a relação essencial entre aspectos culturais e a experiência singular de cada pessoa com o dinheiro. A psicologia histórico-cultural se apresenta como teoria de base para essa compreensão, pois ancora seus estudos no desenvolvimento e afirma que os seres humanos se desenvolvem a partir da relação com os outros na cultura, internalizando os processos vividos socialmente (Vygotsky, 1996).

### **Desenvolvimento e Discussão**

A psicologia histórico-cultural é uma teoria psicológica desenvolvida na Rússia e estuda o desenvolvimento humano como a apropriação singular da cultura por cada pessoa. Nesse contexto, a cultura é conceituada como o conjunto de relações materiais e concretas produzidas pela humanidade de acordo com as condições históricas e sociais de cada época e local (Zanella, 2020). Em outras palavras, cada pessoa desenvolve a sua personalidade e seu modo de viver a partir do que aprende nas relações que estabelece com outras pessoas e com o mundo.

Assim, é a partir dos significados sociais que são desenvolvidos os significados individuais sobre diversos fenômenos e recursos – como o dinheiro. Logo, cada pessoa que lida com dinheiro tem sua relação com ele impactada por questões mais amplas e coletivas, relacionadas à cultura do país onde vive, à classe econômica da qual faz parte e à sua história familiar. Como exemplo, podemos considerar que no Brasil a história financeira de cada um de nós será perpassada por diversos marcos da nossa cultura, como o histórico de inflação alta e instabilidade econômica e política, a falta de educação financeira, o incentivo ao crédito e consumo, os altos juros e endividamento, o baixo hábito de poupar e investir, a demonstração de afeto por meio do dinheiro etc.

A experiência singular não surge do nada: ela está relacionada a como a humanidade olha para o dinheiro ao longo da história e das diversas culturas. Com isso, a relação de cada pessoa com o dinheiro também vai ser marcada por aspectos particulares, como o gênero. Nesse sentido, pesquisas mostram que as mulheres na nossa cultura são menos alfabetizadas financeiramente do que homens, são mais avessas ao risco na tomada de decisões relacionadas a dinheiro, subestimam mais as suas competências para fazer escolhas financeiras e socializam-se no tema mais tarde do que homens (Gonçalves et al., 2021).

Então precisamos nos perguntar: essas particularidades na forma como mulheres lidam com o dinheiro se devem a que? Será que mulheres têm uma determinação biológica para isso? Ou cada mulher individualmente tem as suas próprias dificuldades com dinheiro, não estando relacionadas à coletividade e a aspectos sociais? Na verdade, em detrimento de como mulheres são excluídas do empoderamento financeiro, dados mostram que, na prática, elas chefiam famílias e gerenciam as finanças com muita competência. Elas também tendem a ter comportamentos mais cuidadosos nas finanças – como pagar contas em dia,

economizar, gastar menos no cartão de crédito, planejar as despesas e usar o dinheiro de forma estratégica em seus negócios (Sesini et al., 2023).

Um olhar histórico-cultural junto à psicologia do dinheiro permite explorar olhares mais contextualizados para a relação entre as pessoas e suas finanças. Isso é possível a partir de alguns dos aspectos principais da teoria. Em primeiro lugar, está o ponto que já foi exposto neste texto: a personalidade é desenvolvida a partir das relações sociais. Outro fator essencial para a teoria histórico-cultural é que emoção e cognição são integradas na personalidade e no psiquismo, de modo que não existem experiências puramente racionais ou apenas emocionais. Esse aspecto conversa profundamente com os achados da psicologia econômica e as demais disciplinas no seu guarda-chuva, que estudam o impacto das emoções e da irracionalidade nas decisões financeiras.

Ademais, a teoria histórico-cultural entende que o desenvolvimento do ser humano se dá a partir da mediação de outras pessoas. Com isso, as intervenções em contexto de terapia ou consultoria financeira, por exemplo, ajudam a desenvolver novos repertórios de aprendizagem. Minha experiência de estudar e trabalhar com a psicologia do dinheiro a partir da teoria histórico-cultural tem o objetivo de explorar com as pessoas esses olhares para a sua relação com as finanças, construindo mais autonomia.

O foco deste relato é em abordar o atendimento em consultoria financeira para mulheres. Muitas delas chegam ao serviço sentindo que não conseguem tomar boas decisões financeiras e acham muito difícil entender mais sobre dinheiro. Um dos primeiros passos da consultoria é aprofundar as reflexões sobre como a nossa cultura de modo geral limita a aprendizagem das mulheres em relação ao tema dinheiro. Vivendo em uma sociedade machista, sabemos que as mulheres não são incentivadas a ter sua independência financeira e, muitas vezes, sofrem inclusive de violência patrimonial por parte de familiares ou cônjuges.

A partir dessa reflexão inicial, é possível rever padrões, acolher melhor as emoções diante dos desafios financeiros e construir novas práticas de autocuidado. É possível notar que ter o apoio de uma psicóloga para explicar sobre dinheiro e passar segurança também impacta fortemente a experiência financeira das mulheres na consultoria. Comumente, as clientes começam o processo apresentando insegurança e medo de serem julgadas. Ao encontrar

acolhimento e uma verdadeira compreensão do que vivem, torna-se viável construir uma nova maneira de olhar para suas finanças e sua vida.

Os métodos e estratégias utilizados na consultoria envolvem identificar junto com a pessoa quais são os sentidos que ela desenvolveu sobre dinheiro em sua vida, considerando o que aprendeu sobre esse recurso em suas experiências culturais. São utilizados recursos como a escuta ativa, a psicoeducação, exercícios de reflexão sobre aspectos culturais (por exemplo, estereótipos de gênero, o grande incentivo ao crédito e à compra por status etc.), a dinâmica do tempo (que propõe um apanhado da história de vida da pessoa para entender suas aprendizagens acerca das finanças), o genograma (que permite entender o histórico financeiro da família), a identificação das principais emoções presentes na vida financeira, assim como *nudges*<sup>1</sup> e arquitetura de escolhas.

Um dos resultados mais marcantes de trazer um olhar histórico-cultural para a psicologia do dinheiro é exatamente ajudar a pessoa a entender que sua experiência singular não surge do nada, e sim está relacionada a como a humanidade olha para o dinheiro ao longo da história e das diversas culturas. De modo geral, esse entendimento permite reduzir a culpa que as clientes sentem por não conseguir lidar melhor com o dinheiro ou conquistar certos resultados que são propagados como sucesso pela visão tradicional das finanças.

A partir do processo de consultoria, percebem-se grandes avanços em termos de bem-estar e qualidade de vida, permitindo que a pessoa compreenda melhor o que está por trás de suas atitudes em relação ao dinheiro e faça mudanças sustentáveis na sua organização. Em relação à prática do cuidado financeiro e à mudança de hábitos, um aspecto relevante do trabalho da consultoria financeira é o uso de arquitetura de escolhas como a principal estratégia de mudança comportamental. Em vez do olhar individualizante e que culpabiliza as pessoas cobrando autocontrole, o foco é mudar o contexto para tornar mais fácil tomar boas decisões e mais difícil fazer escolhas ruins.

Como exemplo, podemos imaginar uma cliente que chega à consultoria muito insegura e frustrada com sua vida financeira, dizendo que se sente péssima ao lidar com as finanças e que não consegue ter disciplina para guardar dinheiro.

---

<sup>1</sup> Um *nudge* ou “empurrãozinho” se refere a intervenções simples e não obrigatórias que são feitas para incentivar determinado comportamento (Thaler e Sustein, 2019).

Sabe-se que muitos influenciadores de finanças e até livros sobre o assunto reforçam a ideia de que a pessoa precisa ter mais autocontrole ou disciplina. Mas, com base nos conhecimentos da psicologia econômica e do dinheiro, na consultoria há a explicação de que o autocontrole é um recurso finito e que as milhares de decisões a serem tomadas todos os dias impactam negativamente na nossa capacidade de lidar bem com o dinheiro a todo momento.

Depois da psicoeducação inicial, o foco será em identificar obstáculos que estão presentes na vida financeira da pessoa. Nesse exemplo, vamos considerar que a cliente relata nunca sobrar dinheiro no fim do mês para juntar. Além disso, a pessoa não sabe nada sobre investimentos, se sente perdida entre as várias opções de aplicações financeiras e nunca lembra de tirar o dinheiro da conta e enviar para uma aplicação.

Uma estratégia de arquitetura de escolhas para driblar esses obstáculos nesse caso poderia começar por ensinar a pessoa o básico sobre investimentos e traçar junto com ela um plano simples. Dessa forma, ela vai precisar apenas cumprir o passo a passo todo mês, sem decisões complexas a serem tomadas. Além disso, podemos definir um valor para investir e separá-lo logo no início do mês, evitando o risco de não sobrar dinheiro após os gastos do período. Por fim, é possível colocar um alarme para lembrar de fazer a aplicação, ou mesmo programar um investimento mensal automático, para evitar o esquecimento.

## **Considerações Finais**

Nesse relato de experiência, falei brevemente sobre a escolha teórica que faço para abordar o tema dinheiro com mulheres clientes da consultoria financeira. A partir da psicologia histórico-cultural, vejo esse tema não de forma descontextualizada da realidade concreta e individualizada, mas sim relacionada a tudo que vivemos como sociedade.

Dessa forma, é possível desenvolver conhecimentos mais críticos e que libertem as pessoas da culpabilização e da alienação de discursos tradicionais que vemos na área. Com uma visão ampla sobre o dinheiro, as pessoas podem se sentir mais capazes de tomar decisões e de estabelecer as próprias metas financeiras de maneira saudável e sustentável.

## Referências Bibliográficas

Ariely, D., & Kreisler, J. (2019). *A psicologia do dinheiro: Descubra como as emoções influenciam nossas escolhas financeiras e aprenda a tomar decisões mais inteligentes*. Sextante.

Gonçalves, V. N., Ponchio, M. C., & Basílio, R. G. (2021). Bem-estar financeiro das mulheres: Uma revisão sistemática da literatura e orientações para pesquisas futuras. *International Journal of Consumer Studies*, 45(4), 824–843.

<https://doi.org/10.1111/ijcs.12673>

Sesini, G., Manzi, C., & Lozza, E. (2023). Is psychology of money a gendered affair? A scoping review and research agenda. *International Journal of Consumer Studies*, 47(6), 2701–2723. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12975>

Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2019). *Nudge: Como tomar melhores decisões sobre saúde, dinheiro e felicidade*. Objetiva. (Trabalho original publicado em 2008)

Vygotsky, L. S. (1996). *Teoria e método em psicologia*. Martins Fontes.

Zanella, A. V. (2020). *Psicologia histórico-cultural em foco: Aproximações a alguns de seus fundamentos e conceitos*. Edições do Bosque.

MESA REDONDA

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA: PROJETO SAÚDE FINANCEIRA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE RONDÔNIA**

**Mariângela Aloise Onofre**

[maloise@tjro.jus.br](mailto:maloise@tjro.jus.br)

**Palavras-chave:** saúde financeira, qualidade de vida, sustentabilidade financeira e ambiental, aspectos emocionais relacionados ao uso do dinheiro

### **Introdução**

O Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia desenvolve, desde o ano de 2013, ações de educação financeira direcionadas a todos os seus servidores. No ano de 2020, em decorrência da pandemia, estas foram interrompidas.

Com as profundas mudanças ocorridas nos aspectos sociais, políticos e econômicos no mundo pós-covid, observou-se a necessidade de oferecer ao corpo funcional da instituição maior suporte psicológico e comportamental nos aspectos relacionados ao uso do dinheiro, bem como a ressignificação das relações com o consumo e a sustentabilidade ambiental, adotando-se a perspectiva da psicologia do dinheiro como norteadora das ações.

O aspecto financeiro desempenha um papel intrincado e fundamental na saúde do trabalhador, influenciando direta e indiretamente vários aspectos de seu bem-estar físico e emocional. Portanto, um equilíbrio nas finanças pessoais pode proporcionar maior tranquilidade e reduzir o estresse relacionado às preocupações monetárias, permitindo que o trabalhador tenha uma melhor qualidade de vida.

A saúde financeira está diretamente relacionada às crenças, hábitos, comportamentos e condições emocionais referidas ao modo como o indivíduo lida com seu dinheiro, construindo equilíbrio entre ganhos e gastos que repercutem em bem-estar físico, psicológico e social.

Em uma sociedade movida pelo capital, o acesso a bens, serviços e consumo depende de quanto dinheiro cada pessoa é capaz de produzir. No entanto, é importante ressaltar que ter saúde financeira não significa necessariamente produzir muito dinheiro e sim ter gastos proporcionais ao que é produzido economicamente.

Com base nessas premissas, o Projeto Saúde Financeira contempla a necessidade de consolidação da Resolução 031/2017-PR (Tribunal de Justiça de Rondônia, 2017), que instituiu a Política de Atenção Integral à Saúde de Magistrados e Servidores do Poder Judiciário do Estado de Rondônia (PJRO), visando a saúde e a qualidade de vida no trabalho e contribuindo para o bem-estar físico, mental e social de magistrados e magistradas, servidores e servidoras do PJRO.

O referido projeto é uma ação continuada da Seção Biopsicossocial (Sebio) pertencente à Divisão de Saúde da Secretaria de Gestão de Pessoas (Disau/SGP) proposto a partir de dados levantados acerca de número de empréstimos consignados em folha de pagamento, bem como de levantamento realizado pela equipe de Serviço Social da Disau e do Sindicato de Servidores. Neste levantamento inicial, constatou-se um alto nível de endividamento, evidenciando a urgência em implantar ações para reverter a situação.

A equipe possui cunho multidisciplinar e inclui, além dos profissionais de psicologia e serviço social da Divisão de Saúde, servidores de outros setores do TJRO que possuem formação nas áreas de economia, administração, contabilidade e especializados na área de gestão e planejamento financeiro.

## **Desenvolvimento**

Conforme informações da Secretaria de Gestão de Pessoas do TJRO, verificou-se que no mês de março de 2022, 43,88% dos servidores estavam utilizando entre 1 e 100% da margem para empréstimos consignados<sup>2</sup>. Esses dados sinalizam um indicativo de comprometimento financeiro relacionado ao

---

<sup>2</sup> Dados da folha de pagamento protegidos pela Lei Geral de Proteção de Dados. A coordenação do Projeto Saúde Financeira possui acesso somente ao quantitativo de empréstimos consignados, apenas a equipe responsável pela folha de pagamento possui acesso aos nomes dos servidores

endividamento e ao volume de despesas proporcionalmente alto para a renda destes servidores. Cabe salientar que mesmo os que não estavam com sua margem comprometida poderiam estar enfrentando problemas financeiros, pois muitas vezes as prestações de financiamentos de imóveis e veículos, além do parcelamento das faturas de cartões de créditos, não constam em seus contracheques, de modo que só conhecemos a verdadeira situação financeira destes servidores quando eles relatam seus problemas.

A condição econômico-financeira é um tópico importante na saúde global dos indivíduos, sendo, por vezes, fator desencadeante de dificuldades emocionais e, outras vezes, sendo seu sintoma. Os números do endividamento são resultados da falta de educação financeira, que não é uma cultura no país, e pela tênue relação entre saúde financeira e saúde mental. Nesse cenário, o endividamento afeta diretamente as emoções, gerando estados de estresse, depressão e outros. Além disso, desequilíbrios emocionais podem impulsionar gastos excessivos como válvula de escape e, ainda, impactar a vida profissional e acarretar prejuízos para a renda. Considerando este panorama, houve o entendimento de que possibilitar ações com foco na gestão pessoal de orçamento e finanças no ambiente laboral pode contribuir positivamente para mudanças nestas estatísticas e conseqüente melhoria na qualidade vida dos envolvidos

A partir das atividades de sensibilização e sondagem de temas de interesse dos participantes, desde o ano de 2022, as atividades do Projeto Saúde Financeira passaram a ser voltadas para o alinhamento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da agenda 2030 da Organização das Nações Unidas – ONU (2015), incluindo aspectos da sustentabilidade financeira e ambiental ao universo doméstico nos seguintes eixos:

- Objetivo 3: Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades;
- Objetivo 3.8: Atingir a cobertura universal de saúde, incluindo a proteção do risco financeiro, o acesso a serviços de saúde essenciais de qualidade e o acesso a medicamentos e vacinas essenciais seguros, eficazes, de qualidade e a preços acessíveis para todos
- Objetivo 12: Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis

- Objetivo 12.3: Até 2030, reduzir pela metade o desperdício de alimentos per capita mundial, nos níveis de varejo e do consumidor, e reduzir as perdas de alimentos ao longo das cadeias de produção e abastecimento, incluindo as perdas pós-colheita
- Objetivo 12.6: Incentivar as empresas, especialmente as empresas grandes e transnacionais, a adotar práticas sustentáveis e a integrar informações de sustentabilidade em seu ciclo de relatórios.

Assim, reconhecendo a interconexão entre finanças e saúde do trabalhador, a proposta visa contribuir para a implementação de melhorias na gestão dos gastos domésticos de magistrados/as e servidores/as atendidos, por meio de elaboração de orçamentos domésticos eficazes, estimula a redução de desperdícios e menor produção de lixo, bem como o aproveitamento das melhores oportunidades de compras e investimentos.

Entre os objetivos específicos das ações, inclui-se:

- Desenvolver o bem-estar emocional associado ao bem-estar financeiro;
- Adotar hábitos de organização financeira que viabilizem sustentabilidade econômica e ambiental;
- Identificar comprometimentos à saúde e situações de risco de adoecimento causados por questões relacionadas ao uso do dinheiro;
- Desenvolver habilidades voltadas para a elaboração de orçamento familiar participativo entre cônjuge e filhos/as.

A metodologia utilizada possui formato “funil”, ou seja, as atividades de sensibilização iniciais são rodas de conversa ou palestras virtuais abertas a todo o corpo de colaboradores e, conforme estes passam por estas atividades, manifestam suas necessidades de aprofundamento e de atendimento especializado, inclusive com a possibilidade de receber atendimento psicoterápico individual focado nas questões financeiras.

A primeira oficina possui caráter obrigatório para quem deseja participar das demais atividades oferecidas. A carga horária é de doze horas e seu conteúdo programático inclui:

- Conceitos macroeconômicos básicos para melhor compreensão sobre o funcionamento do mercado financeiro e sua relação com o contexto social, político e econômico;
- Orientações práticas sobre registro e análise dos gastos mensais com reorganização de orçamento, quando necessário;
- Aspectos emocionais relacionados ao uso do dinheiro;
- Construção de orçamento familiar em parceria com o cônjuge e filhos.

Após a participação na primeira oficina, o servidor preenche um formulário onde informa suas necessidades de aprofundamento dos temas e se precisa receber atendimento psicoterápico. Com base nestas informações, são ofertadas oficinas de aprofundamento dos temas e, caso haja a indicação de psicoterapia, esta é realizada por psicólogo da Disau.

Outra ação relacionada ao projeto é a oficina de gastronomia sustentável, realizada pelo Mesa Brasil SESC (<https://www.sesc.com.br/atuacoes/assistencia/sesc-mesa-brasil/>), onde os participantes aprendem a evitar desperdício de alimentos, tanto na forma de armazenamento adequado, quanto na forma de aproveitamento de partes de alimentos que geralmente são descartados no preparo (por exemplo, talos e cascas de frutas e legumes), mas que possuem alto valor nutricional. Esta ação foi avaliada de forma bastante positiva, pois além de trabalhar os aspectos da economia relacionada à gastronomia sustentável, representou um bom momento de integração entre os participantes, trazendo ainda, como valor agregado, algumas orientações sobre os aspectos nutricionais dos alimentos utilizados.

### ***Dados obtidos entre os participantes das oficinas realizadas em 2023***

No ano de 2023, o projeto teve um total de 155 (cento e cinquenta e cinco) participantes concluintes de todas as atividades oferecidas, um número significativo para a realidade institucional. Setenta e oito participantes responderam ao formulário de avaliação da oficina introdutória, cujos dados apresentamos nas tabelas abaixo:

#### **Tabela 01**

## Formulário de Avaliação

---

Pergunta: Considerando os temas apresentados na oficina que você participou, indique quais você precisa aprofundar para melhorar sua saúde financeira:

---

Questões familiares, diálogos com cônjuge e filhos	52,6%
Ferramentas e estratégias para organização do orçamento doméstico	65,4%
Comportamentos pessoais e relação psicológica com o dinheiro	65,4%
Planejamento de futuro e investimentos	78,2%
Endividamento e quitação de dívidas	35,9%
Não desejo aprofundar nenhum dos temas propostos no projeto	1,3%

---

Fonte: Formulário de avaliação do Projeto Saúde Financeira Tribunal de Justiça de Rondônia

### Tabela 02

#### Apoio Psicológico Individual

---

Pergunta: Considera que necessita apoio psicológico individual para organizar sua vida financeira?

---

Sim	35,9%
Não	64,1%

---

Fonte: Formulário de avaliação do Projeto Saúde Financeira Tribunal de Justiça de Rondônia

No final do formulário de avaliação, foi inserida a questão "Sobre as atividades que você participou, informe sobre como elas contribuíram para a melhoria de sua saúde financeira", com algumas respostas bastante significativas que transcrevemos abaixo:

Ajudou muito na parte emocional: às vezes, querendo ou não compramos algo por impulso, não necessário naquele momento. Eu e Minha Esposa já procuramos planejar os gastos classificando em prioridades não deixando, claro, de comprar o que desejamos e nosso dinheiro possibilita, sempre deixando, no mínimo, um valor de 30% para poupar ou investir.

Do ponto de vista psicológico, me forneceu visibilidade de atitudes na tomada de decisão de gastos que em minha vida atende vazios emocionais. Sobre investimentos me agregou muito pois tinha muitas dúvidas.

A partir da contextualização dos conteúdos da macroeconomia, foi possível identificar fatores que influenciam em nossa saúde financeira e, também, em possíveis investimentos, como, por exemplo, as abordagens sobre inflação, taxa básica de juros, entre outros. Além disso, os aspectos emocionais que influenciam nossa tomada de decisões e, conseqüentemente, nossa vida financeira. Assim, faz-se necessária uma análise mais apurada das situações para que possam ser adotadas atitudes financeiramente saudáveis.

As atividades me ajudaram a despertar quanto à necessidade de me organizar financeiramente e buscar melhorias no campo pessoal e profissional, visto que apesar de termos salários razoavelmente bons, percebemos que vários colegas por não se organizarem acabam passando situações delicadas em relação à endividamentos. Os encontros presenciais nos ajudam a conhecer realidades de colegas que podem em situações financeiras semelhantes ou diferentes das nossas, o contato pessoal com o ser humano nos ajudar a desenvolver a empatia com nossos pares.

Adquiri informações quanto aos critérios para investimentos financeiros e aprendi que devo olhar para a minha trajetória de vida para entender os meus "movimentos" e relacionamento com o dinheiro. Já constatei

também que os conflitos internos que carregamos se não forem compreendidos poderão "adoecer" as nossas finanças. O curso foi maravilhoso, porém faltou completude. Precisamos de pelo menos mais um módulo para adquirir mais conhecimento a fim de obtermos resultados práticos e positivos em nossas vidas. Registro que cada oficina me levou a um conhecimento engrandecedor e todas as ministrações foram leves, dinâmicas, reflexivas e agradáveis. Parabéns a toda a equipe por esse Projeto que pode transformar vidas e famílias. Muito obrigada.

O projeto é fantástico. Eu já venho tentando, de forma amadora, cuidar das minhas finanças pessoais e as oficinas foram esclarecedoras em muitos pontos e, em outros, instigou-me a procurar mais recursos de aprimoramento. Quero reforçar que essa ação do TJ é louvável. A ideia de auxiliar o servidor para que ele alcance saúde financeira atua sobre um fator crítico que é a cultura de endividamento do servidor público. Como efeito, se a instituição tem profissionais saudáveis financeiramente, ela tem servidores livres para pensar soluções criativas e entregarem resultados mais satisfatórios, pois não estarão presos ao sofrimento gerado pelo endividamento, que muitas vezes leva ao presenteísmo.

Foram propostas atividades básicas, contudo essenciais para melhoramento das minhas finanças. Eu particularmente não sabia o básico, e hoje estou aplicando o foi repassado no curso e já vejo grande consciência, da minha parte.

### **Considerações Finais**

A intenção do Projeto Saúde Financeira é olhar para a saúde dos colaboradores do Tribunal de Justiça de Rondônia em uma perspectiva ampliada e integral, demonstrando o interesse nas relações humanas para além do utilitarismo e da produtividade laboral. O alinhamento com a temática da sustentabilidade ambiental integra a visão sistêmica de compromisso com a vida no planeta e possibilita a criação do sentimento de pertencimento institucional.

A contribuição sistemática para a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos é percebida na avaliação positiva dos participantes de modo unânime

e comprovada pela rapidez com que se esgotam as vagas ofertadas a cada abertura de inscrições. O princípio chave de todas as ações é ressignificar os conceitos relacionados à "abundância" e "escassez", substituindo a ideia de acumular objetos e desperdiçar recursos por buscar possuir e consumir aquilo que é o suficiente para atender as necessidades diárias. Ao introduzir o conceito de suficiência, constrói-se a perspectiva de gerar maior possibilidade de acesso a bens, alimentos e serviços de forma mais equitativa entre as pessoas.

Propõe-se promover uma cultura de mudança das relações com o meio ambiente, especialmente no aspecto relacionado ao consumo familiar e doméstico no qual o quesito "alimentos", tem um grande impacto. Neste item, as atividades propostas evitam o desperdício e apontam que o que sobra na mesa de alguns e se torna lixo, falta na mesa de muitos. Nessa toada, a conscientização do desperdício de alimentos e o impacto financeiro no orçamento familiar são abordados de modo que os participantes façam melhores escolhas sobre quanto, quando e o que consumir, iniciando assim uma mudança cultural local, que pode, no futuro, impactar o comércio local para adoção de práticas mais sustentáveis. Assim, sinaliza-se o potencial de gerar crescimento econômico para a agricultura familiar e agroecologia, uma vez que se estimula o consumo consciente de produtos produzidos nas localidades, fomentando a economia circular.

Diante de um cenário tão favorável, há excelentes perspectivas de ampliação da oferta de atendimentos e oficinas no projeto, com alguns temas sugeridos pelos participantes: desapego a padrões acumuladores, uso de cartão de crédito e gatilhos que induzem a consumo desordenado. Para além do desenvolvimento destas práticas que constituem inovação nas políticas institucionais de qualidade de vida de colaboradores, o Projeto Saúde Financeira será objeto de investigação científica acerca de seus resultados e impactos na saúde do trabalhador, por meio de realização de pesquisa a ser realizada através do Laboratório de Inovação da Escola de Magistratura de Rondônia no ano de 2025.

## **Referências Bibliográficas**

Brasil. Tribunal de Justiça de Rondônia. (2017). *Resolução 031/2017-PR, que instituiu a Política de Atenção Integral à Saúde de Magistrados e Servidores do Poder Judiciário do Estado de Rondônia (PJRO)*.

[https://www.tjro.jus.br/images/Resolu%C3%A7%C3%A3o\\_n.\\_031-2017-PR-Pol%C3%A4tica\\_de\\_Aten%C3%A7%C3%A3o\\_Integral\\_%C3%A0\\_Sa%C3%BAde.pdf](https://www.tjro.jus.br/images/Resolu%C3%A7%C3%A3o_n._031-2017-PR-Pol%C3%A4tica_de_Aten%C3%A7%C3%A3o_Integral_%C3%A0_Sa%C3%BAde.pdf)

Organização das Nações Unidas Brasil. (2015). *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*.

<https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%Aavel>

## **UMA PSICÓLOGA FALANDO DE DINHEIRO PARA PSICÓLOGAS: EXPERIÊNCIA DE CONSULTORIA EM GESTÃO DA CLÍNICA**

**Aline Guilherme de Melo**

[aline@psinaocomplica.com.br](mailto:aline@psinaocomplica.com.br)

**Palavras-chave:** psicóloga autônoma, dinheiro, consultoria financeira

### **Introdução**

Dinheiro é um tema delicado para as psicólogas, não só quando elas precisam lidar com demandas financeiras que os pacientes trazem para a clínica, mas também quando necessitam, elas próprias, organizarem sua vida financeira (Meirelles, 2017). Compreendendo a complexidade desse cenário, uma das minhas áreas de atuação na psicologia é a consultoria em gestão da clínica para psicólogas autônomas.

Um dos objetivos do serviço é ajudá-las a entender sua relação com o dinheiro e ter mais ferramentas para lidar com questões como precificação, cobrança e fluxo de caixa na vida profissional. Por isso, o presente relato de experiência discute aspectos da psicologia do dinheiro na experiência de psicólogas na organização do seu trabalho autônomo.

### **Desenvolvimento e Discussão**

Apesar de a prática clínica ser a que mais atrai os psicólogos, ela requer habilidades de gestão administrativa e empreendedorismo – conteúdos que não são abordados na formação em psicologia (Pimenta & Rodriguez, 2021). Assim, muitos profissionais têm dificuldade para se sustentar na clínica, e isso faz com que eles busquem mais de um vínculo de trabalho ou atuem por plano de saúde em troca de uma remuneração muito precária.

O empreendedorismo é um processo interativo de geração de negócios, que perpassa desde criar a ideia de negócio até a efetivação do projeto na realidade (Silva & Veiga, 2021). Desse modo, maior conhecimento de gestão e empreendedorismo possibilita planejar os próprios ganhos, lidar com a remuneração instável, compreender melhor os custos operacionais e estimar preços do seu serviço com efetividade. Contudo, como nossa formação em psicologia na graduação não trabalha competências ligadas à organização da clínica e gestão do trabalho autônomo, os psicólogos não desenvolvem suas habilidades para gerir sua empresa, alcançar lucratividade, lidar com a remuneração instável e definir preço.

Nesse contexto, os baixos ganhos financeiros e a sobrecarga de trabalho estão entre os principais estressores ocupacionais para psicólogos clínicos brasileiros. Os estressores afetam a qualidade de vida de profissionais da psicologia – e dados de pesquisas mostram que mulheres experimentam maiores níveis de estresse e desejo de abandonar a profissão (Rodriguez et al., 2015). Uma das grandes questões que se colocam é exatamente o preço baixo da psicoterapia. Silva et al. (2021) discutem que muitos recém-formados cobram preços inferiores buscando inserção no mercado, mas isso resulta na insustentabilidade do negócio.

A desvalorização tem relação não só com o desconhecimento técnico, mas com a história de vida de cada psicólogo e os significados que ele dá ao dinheiro. As questões sociais também exercem grande impacto, como os estereótipos de gênero no caso de mulheres. Considerando que mulheres são cobradas socialmente para o cuidado, é comum em psicólogas a dualidade entre a vontade do profissional de ajudar as pessoas e a necessidade da remuneração. Assim, muitas psicoterapeutas sentem desconforto em ter um negócio (Gros & Teodoro, 2009).

Compreendendo a complexidade do cenário, uma das minhas áreas de atuação na psicologia é a consultoria de gestão da clínica para psicólogas autônomas. Nesse serviço, as demandas financeiras estão entre as mais presentes. Minha experiência de consultoria financeira acontece em encontros individuais, online, com duração média de uma hora. Em geral, o perfil das pessoas que buscam por esse serviço é de psicólogas mulheres que têm dúvidas ou dificuldades na organização financeira da clínica.

A consultoria envolve diversos encontros e os métodos utilizados são personalizados de acordo com as demandas trazidas pelas participantes. As principais demandas giram em torno de como precificar a sessão de terapia, como cobrar pacientes e como organizar a gestão financeira sendo autônoma. O objetivo da consultoria em gestão da clínica é ajudar as clientes a entenderem sua relação com o dinheiro e ter mais ferramentas para lidar com essas questões.

Nos atendimentos, os principais recursos utilizados são a escuta ativa, psicoeducação (explicação de elementos ligados às dificuldades das participantes), exercícios de reflexão sobre a relação com o dinheiro e o trabalho (aprofundando na história de vida e em aspectos emocionais). Também há a disponibilização de ferramentas práticas, como *e-books* e planilhas, quando necessário.

Encontrar psicólogas que entendam de finanças de maneira mais profunda e falem sobre esse tema ainda é raro. Por isso, é possível perceber que as participantes da consultoria valorizam encontrar alguém da mesma profissão que entenda os desafios da prática clínica e traduza conhecimentos financeiros para nossa área. Afinal, estudar materiais tradicionais sobre os aspectos relacionados ao empreendedorismo, gestão de um negócio e finanças costuma ser complexo e difícil.

Um dos impactos sentidos desde o início do processo é o acolhimento. Sabemos que o tema dinheiro normalmente é tratado de maneira muito formal, difícil ou cheio de cobranças. Assim, as psicólogas demonstram ficar aliviadas e se sentirem acolhidas na experiência da consultoria – não apenas em seus desafios técnicos, mas também emocionais. Como o serviço tem como base a psicologia do dinheiro, é possível compreender esse tema de maneira mais acolhedora e olhar para o dinheiro com menos medo.

Com isso, as psicólogas atendidas na consultoria desenvolvem maior tranquilidade ao pensar e falar sobre dinheiro, deixando de ver como um assunto tabu ou impossível de entender. Elas passam a ver que dinheiro vai além do aspecto racional e superam obstáculos que dificultavam seus resultados, conseguindo, por exemplo: precificar melhor seu trabalho, conversar sobre dinheiro com os pacientes, alcançar mais equilíbrio financeiro na vida autônoma e se sentir mais confiantes na própria capacidade de gerir seu negócio.

## Considerações Finais

Este breve relato de experiência tratou de encontros de consultoria em gestão da clínica realizados com psicólogas que atuam de forma autônoma. Esse público apresenta uma grande demanda de apoio para aprender a lidar com questões financeiras que envolvem seu trabalho. Sem isso, é muito comum vermos profissionais exaustos devido ao excesso de trabalho, enquanto ainda enfrentam problemas como cobrar pouco por sua sessão ou ter pacientes inadimplentes. Ao atuar com essas psicólogas, é preciso acolher suas dificuldades na relação com o dinheiro e aprofundar as bases emocionais dos desafios. Apenas assim é possível desenvolver estratégias efetivas para driblá-las. A experiência de consultoria aqui relatada foi bastante rica e promoveu diversas mudanças nas participantes.

## Referências Bibliográficas

- Gross, C., & Teodoro, M. L. M. (2009). A cobrança de honorários na prática clínica. *Psicologia Clínica*, 21(2), 315–328. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200005>
- Meirelles, V. M. (2017). *Lado a lado: Prática clínica e sucesso financeiro*. Appris.
- Pimenta, E. C. S. S., & Rodriguez, S. Y. S. (2021). Fatores de risco e de proteção à saúde mental de psicólogos clínicos. *Trabalho (En)Cena*, e021013. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e021013>
- Rodriguez, S. Y. S., Carlotto, M. S., Ogliari, D., & Giordani, K. (2015). Estressores ocupacionais em psicólogos clínicos brasileiros. *Psicologia*, 18(33), 59. <http://doi.org/10.17081/psico.18.33.59>
- Silva, D. S., Veiga, H. M. S., & Cortez, P. A. (2021). Motivações, desafios e dificuldades vivenciados por psicólogos empreendedores: Estudo qualitativo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41(spe2), e207747. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207747>